

SOMNIUM

Nesta edição:

Bruce Sterling no Brasil

e mais:

Listserver do CLFC

Retrospectiva 97

Prêmio Nova

Notícias

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Conto de Natal de Dora Incontri

Índice

EDITORIAL

"O Boêmio Voltou Novamente"

03

ARTIGOS

CIÊNCIA PARA O AMANHÃ

A Gênese da Nova Lua

por Gerson Lodi Ribeiro

08

DRIVING MR. STERLING

por Roberto de Sousa Causo

13

NOVA: UMA HISTÓRIA DE

POLÊMICAS E REALIZAÇÕES

por Marcelo Simão Branco

16

O QUE ROLA PELO FANDOM

FCEM NOTÍCIAS

por Adriana Simon

04

Diário do Fandom

RETROSPECTIVA 1997

por Roberto de Sousa Causo

11

LISTSERVER: UM POUCO DO QUE ROLA NA INTERNET

compilado por Dario Alberto de Andrade Filho

21

FICÇÃO

NATAL CÓSMICO

por Dora Incontri

19

ILUSTRAÇÕES

Roberto Schima

capa, 07, 15, 18, 23

Paulo Marcos G. Bubol

contra-capas

KIL

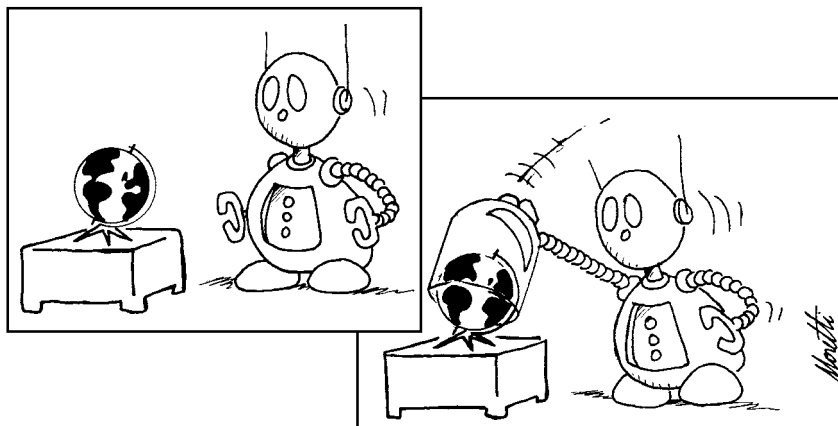
03

José Carlos Neves

12

Fernando Moretti

02, 20



SOMNIUM

número 66
dezembro de 1997

Editorias:

Social e Notícias

Adriana Simon;

Diário do Fandom

Roberto de Sousa Causo;

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro;

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco;

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho;

Geral

Cesar R. T. Silva.

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Toda colaboração relativa ao *Somnium* deve ser enviada em disquete IBM PC no programa Word 6.0 ou menor. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Firmiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105 - São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.
e-mail clfc@dks.com.br.

"O boêmio voltou novamente"

O *Somnium* está de volta. Depois de exato um ano, o Clube dos Leitores de Ficção Científica pode retomar a publicação deste que é o mais importante serviço do Clube para o sócio. E é exatamente por isso que o *Somnium* precisou mudar, por força de um realismo doloroso que vinha minando o CLFC há anos, sem que nenhum de seus dirigentes tivesse coragem de encará-lo, até agora.

O que ocorria é que o *Somnium* tinha um custo muito maior que as arrecadações do Clube. Poucos eram os sócios que recolhiam suas mensalidades, e os que o faziam não eram bastantes para subsidiar a publicação e ainda proporcionar os demais serviços que mereciam. Isso imobilizou o Clube por muito tempo, ao ponto de quase inviabilizá-lo. Era preciso coragem para assumir que o CLFC não podia existir apenas para sustentar a "revista" *Somnium*.

Porisso, caro sócio, agora o *Somnium* é seu. Sua mensalidade lhe dará direito a seus exemplares do *Somnium* que, a princípio, diminuiu suas páginas, simplificou seu acabamento e definiu a periodicidade quatro edições para 1998, o que será rigorosamente cumprido pelo seu corpo editorial. Desse modo, o *Somnium* não será mais um fardo para o Clube, mas um veículo eficiente, confiável, ao serviço do CLFC e de seus sócios efetivamente ativos.

E na medida que essas providências recuperarem a alegria

e descontração que o *Somnium* possuía em suas origens, motivando o leitor a participar e os demais sócios não-ativos a retornarem ao Clube, poderá retomar seu talento para revista, sem que isso ponha em risco a existência do Clube. O *Somnium* refletirá o corpo social do CLFC. Participe, colabore. Seu espaço agora é garantido.



Cinema

- Os estúdios Hollywood estão gastando quantias astronômicas na compra de romances que serão transformados em filmes, um investimento arriscado que traz a tona o desejo por histórias inovadoras.

É o caso de *The Second Angel*, romance ainda inédito de Philip Kerr que foi adquirido pela Warner Brothers por US\$ 2,5 milhões. Trata-se de uma saga futurista sobre uma gripe fatal e de desenvolvimento lento que contamina a maior parte da população do planeta.

Foi o terceiro grande negócio assinado por Kerr nos dois últimos anos. A Disney pagou US\$ 2 milhões por seu livro *Esau*, um thriller sobre a evolução e a busca do Abominável Homem das Neves. Denise Di Novi, produtora da WB responsável por desenvolver adaptações de vários livros, afirma que “um bom número de escritores espertos já faz seus livros em ritmo de filme, produzindo exatamente aquilo que o cinema precisa”.

- Até o futuro se repete: *Rollerball*, o filme de FC de 1975, que mistura esporte, suspense e pessimismo sócio-político, vai ser refeito e terá na produção Norman Jewison, diretor da versão original do filme.

- Muitos filmes tiveram cenas e até seqüências retiradas devido a diversos motivos, tais como: decisão do produtor, por economia, ou para reduzir a duração. É o caso de *Alien* (conversas sobre a filha de Ripley), *O Segredo do Abismo* (cena do maremoto), *O Exterminador do Futuro* (cena em que a personagem de Linda Hamilton conserta a cabeça de Arnold Schwarzenegger). Estas cenas servem de aperitivo especial no relançamento dos filmes.

É o caso do alternativo *Flesh Gordon*, (versão erótica do herói espacial criado por Alex Raymond) que

teve sua cópia remasterizada, ganhou som estéreo e trouxe de voltas as cenas cortadas na época de seu lançamento em 1972. As cenas consideradas pornográficas são mais leves que as exibidas habitualmente na televisão.

- Foi lançada recentemente na Inglaterra a nova versão de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* (exibida anteriormente nos anos 80), que apesar de ter 3 minutos a menos que o original, traz cenas inéditas do interior da nave alienígena.

- O filme *Mortal Kombat: Annihilation* estreou em novembro nos EUA, conquistando de cara a primeira posição na parada. A Top Tape colocou a venda um kit de 25 peças que inclui uma fita de vídeo com a versão em desenho animado de *Mortal Kombat*, a segunda parte da trilha sonora do primeiro filme *More Kombat* e o CD *Club Sega* que traz os temas dos principais videogames da casa de Sonic em versões Techno e Jungle.

Para ganhar estes 3 itens, o fã terá apenas que responder à seguinte pergunta: “O videogame *Mortal Kombat* originalmente é americano ou japonês?” Se quiser pode falar outras coisas a respeito. Promo RF Kit Kombat - R. Irineu Marinho, 35 Cidade Nova CEP: 20233-900 Cidade Nova - Rio de Janeiro.

- Está fazendo o circuito dos festivais independentes o curta canadense *alt.rec.death*, que mescla espiritismo e tecnologia. Conta a história de Larry, que perde o amigo Chris e se tranca em casa, tendo como único contato com o mundo a Dominatrix Cibernética “dk”, com quem se comunica via rede. No dia das bruxas, “dk” se abre: manteve contato com Larry para que ele assistisse a seu suicídio pela Internet, e propõe trocar sua alma pela de Chris. A parte II já está sendo planejada, com sugestões via Internet e fax. [http://

www.blokland.com/index.html]

Starship Troopers

- O roteirista de *Starship Troopers*, Ed Neumeier, declarou em entrevista para Carlos Angelo que está nos planos da equipe a produção de um *Starship Troopers 2*, desta vez sendo fiel ao conceito de trajes propulsados do livro. Também contou que ele gostaria de fazer novas adaptações de obras de Heinlein, em especial *Red Planet*, publicado pela editora Europa América como *O Planeta Vermelho*.

- A linha *Starship Troopers* de quadrinhos da DarkHorse se esgotou tão logo chegou às lojas e agora só pode ser comprada como raridade.

- Serão lançados durante o ano de 1998 pela Spectrum Holobyte, nada menos que 4 CD-ROMs com jogos interativos adaptados do filme *Starship Troopers*.

- A Galoob Toys já está comercializando no mercado americano uma linha de miniaturas dos bugs, das naves e dos equipamentos de combate do filme *Starship Troopers*.

Vídeo

Lançamentos

- **Millennium - Piloto/ Gehenna** (EUA, 1997, 90 min., Abril, Direção de Chris Carter/ David Nutter)

- **Millennium - Lamentação** (EUA, 1997, 87 min., Abril, Direção de Winrich Kolbe e Thomas J. Wright)

Chega às locadoras os episódios em vídeo de *Millennium*. Do mesmo criador de *Arquivo X*, esta série lida com problemas mais terrenos.

O herói é o ator Lance Henriksen, que interpreta Frank Black, um ex-agente do FBI que entra para a organização Millennium por sua capacidade intuitiva de olhar dentro das mentes dos criminosos e descobrir o que os leva a matar.

- **Batman e Robin** (EUA, 1997, 125 min., Warner)

Quarta aventura do Homen-morcego, é o segundo filme dirigido por Joel Schumacher. Traz o *sex symbol* George Clooney no papel principal, em um cenário menos sombrio que em *Cavaleiro das Trevas*. Aparece a Batgirl, interpretada por Alicia Silverstone. O destaque é mesmo para os vilões: Mr. Freeze (Arnold Schwarzenegger) e Hera (Uma Thurman), entre outros.

Venda (Sell-Thru)

- Trilogia Guerra nas Estrelas - Edição Especial

(Abril - 0800-120199, R\$ 64,00)

A Edição Especial com acréscimo de novas cenas e novos recursos, já está disponível. As fitas podem ser adquiridas em conjunto ou avulsas. A edição também traz o anúncio da nova (pré) trilogia. Os novos episódios devem se chamar "O Equilíbrio da Força" (The Balance of the Force), "A Ascensão de Darth Vader" (The Rise of Darth Vader) e "A Batalha (ou Queda) da República" (Battle for the Republic)

- Cyborg - O Dragão do Futuro

(Cyborg, Paris Filmes, Distribuição: América Vídeo Filmes)

Relançamento. Jean-Claude Van Damme numa produção ao estilo *Mad Max*. O filme mostra um planeta destruído, onde canibalismo é ato comum. O belga interpreta Gibson, lutador de artes marciais que tentará mudar o rumo das coisas com a ajuda de Pearl, uma jovem Cyborg de estrutura biomecânica e habilidades especiais.

Televisão

- O filme *Duna (Dune)*, de David Lynch, baseado no livro homônimo de Frank Herbert, virou uma mini-série de 6 horas de duração numa co-produção da Sci-Fi Channel e BBC.

- Assim como *Perdidos no Espaço*, agora a Disney também está com um projeto baseado num seriado antigo: *Meu Amigo Marciano*, que deverá ser dirigido por Donald Petrie. Christopher Lloyd interpretará o alienígena antes feito por Ray Walston.

Arquivo X

- Para dar notas nos episódios da série pela acesse: [www.amaroq.com/

x-files].

- Está prevista para maio a estréia da versão para cinema, com o capítulo conclusivo do ano 5 da TV.

- Gillian Anderson, a agente Dana Scully participou da gravação do clipe "Extremis" do projeto inglês Hal (nome inspirado no famoso robô de 2001. Ela não canta na música, só geme. Ela não pretende, por hora, dar continuidade à música. Se diz ser o oposto da personagem que é séria e reservada, e confessa que nunca foi muito atraída por conceitos futuristas ou tecnológicos. Decepcionados?

Games

Lançamentos baseados em filmes

- Infelizmente alguns dos games que trazem o nome dos filmes de FC, não fazem justiça a estas super-produções.

É o caso de *Independence Day*, lançado recentemente para aparelho tipo Saturno. É um jogo de simulação de vôo e combate aéreo.

No jogo, apesar de pilotar 10 aviões equipados e uma nave alienígena, os controles não respondem direito. A mira se confunde com os gráficos do jogo, que são fragmentados e impedem o jogador de saber no que estão atirando. Nem as cenas digitalizadas do filme, que aparecem na introdução e nas fases do jogo, escapam.

- Em *Lost World: Jurassic Park*, a parte gráfica também não é lá grande coisa. Além disso, o jogo é pancadaria do início ao fim.

Na primeira etapa do jogo, que é baseado no filme durante 9 fases, o jogador controla o compsoognathus, um dinossauro pequenino que leva uma surra de animais maiores como o tiranossauro rex e o velociraptor. Na nona fase o objetivo é escalar uma parede de pedra, desviando de tiros de uma arma de fogo disparada por um humano. Na segunda etapa, o jogador fica no lugar do caçador humano, apanha dos dinossauros, se defendendo apenas com algumas armas fracas e com um arpão com gancho, que usa para se dependurar nas paredes.

Ao todo são 31 fases, divididas em 5 etapas, nas quais você controla

outras feras e até uma cientista. Sua missão é encontrar um código de DNA em cada fase.

- O presente aos *gamemaníacos* é *Starfleet Academy*. A Interplay, fabricante de jogos americana, criou um simulador de vôo definitivo para quem sempre sonhou em pilotar a USS Enterprise.

São 5 CDs disponíveis com várias missões, que rodam em Pentium. Os gráficos são impressionantes, com cenários e espaçonaves baseados na tecnologia de polígnos 3-D. O jogador faz o papel de um cadete da Starfleet Academy, localizada em São Francisco.

A ação começa com o discurso de abertura das aulas ministrado em pessoa pelo Capitão Kirk (William Shatner), pelo Capitão Sulu (George Takei) e pelo Comandante Chekov (Walter Koenig). Para cada missão há um pequeno resumo, mas a maioria das diretrizes são fornecidas durante o vôo.

Outro atrativo é a possibilidade de se jogar contra outras pessoas, através de rede ou de modem. São até 4 espaçonaves da Federação enfrentando 30 diferentes tipos de naves comandadas por aliens.

Configuração mínima: Pentium 75 ou similar, 16 MB de memória RAM, 180 MB disponíveis no disco rígido e CD-ROM 4x. Se você quiser fazer o *download* da demo, a página da Interplay é www.interplay.com.

- E os fãs de Guerra nas Estrelas também podem ficar contentes: a Brasoft traz *Jedi Knight - Dark Forces 2*, lançado recentemente pela LucasArts, de George Lucas.

O jogo tem alta qualidade gráfica característica dos produtos da Lucas, e a mesma trilha sonora dos filmes. Os personagens, no entanto, são diferentes. O jogador pode, por exemplo, assumir o papel de Kyle Katarn, um aprendiz de Jedi que se infiltra entre os cavaleiros do Império. Pode contar com armas, tais como o famoso sabre de luz, além de metralhadora, pistola e granada. No decorrer do game o jogador deve tomar decisões que poderão transformá-lo em cavaleiro do Lado Negro ou fortalecer sua participação na Aliança

Rebelde. Em ambos os casos, a luta final se dá contra Jerec, o poderoso Jedi da escuridão.

Nas lutas, além das armas o jogador poderá também usar os poderes da Força, como telecinese, ver através das paredes e curar ferimentos. Durante o jogo, os cenários e inimigos podem ser vistos em terceira ou em primeira pessoa.

O jogo roda em Pentium 133 MHz com Windows 95 e suporta a placa aceleradora gráfica Monster 3D FX, que dá mais rapidez e resolução às imagens. Pode ser disputado em rede por até 8 pessoas e custa R\$ 67,00. Informações: (011) 285-5344

Livros

Lançamentos

- *Toward the End of Time*

Alfred Knopf, 334 págs., US\$ 25,00

Escrito pelo americano John Updike, o livro de ficção científica se passa no século 21, quando a Terra foi devastada por uma guerra entre China e Estados Unidos.

- *O Homem Simbiótico - Perspectivas para o Terceiro Milênio*

Editora Vozes, 446 págs., R\$ 30,00

O livro de Joël de Rosnay (traduzido por Guilherme J. de F. Teixeira) descreve a origem de “um macro-organismo planetário constituído pelo conjunto dos homens e máquinas, organismos, redes, nações”, o *cibionte*, com o qual o homem do futuro como diz o título, estará em perfeita simbiose.

- *Timequake*

Putnam, US\$ 23,95

Romance de Kurt Vonnegut Jr. Mistura de FC e fantasia metida a romance político, com os melhores trechos e idéias que tinha para um romance. Mexe com a estrutura do tempo, fazendo com que o calendário retroceda de 13 de fevereiro de 2001 para 17 de fevereiro de 1991. Apesar de certo idealismo romântico do autor misturado a seu conhecido cinismo, isto não é oportunidade de reparar o mal feito. Todo mundo revive a década exatamente como na primeira vez. Vonnegut é célebre por sua habilidade em navegar pelo tempo. Em *Slaughterhouse Five* (1969), seu maior

sucesso, e considerado sua obra prima, a estrutura do livro vai e volta no tempo e no espaço, apresentando a serenidade da vida em outro planeta (ou no céu), refletindo as consequências da II Guerra Mundial.

- *Efeitos Secundários (Side Effects)*

Lançada pela Simetria (Associação Portuguesa de FC&F) a segunda antologia bilíngüe de FC, correspondente aos Segundos Encontros de Cascais. Além da presença dos talentos lusitanos, aparecem ali o famoso conto de US\$ 100.00 do Joe Haldeman (uma autêntica pechincha, em se tratando desse autor!) e uma noveleta de história natural alternativa (segundo o autor!) de Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090).

- *O Afilhado de Gabo*

Editora Relume-Dumará, 240 págs., R\$ 19,00

O livro de Armando Gabena conta a trajetória do vampiro Otto H. F., baseado em Renfield, o companheiro de Drácula. Otto, um vampiro muito moderno que prefere sugar o sangue de animais ao invés de humanos, é analisado segundo as teorias de Freud.

- *Outras Histórias...*

Caminho Coleção FC nº 179, 1997, 251 págs.

Coletânea de contos de FC e história alternativa de Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090). Ao todo são 12 contos, sendo 2 de histórias de guerra, 2 de civilizações mesozóicas, 2 histórias alternativas, 2 histórias de amor, 2 de futuro próximo e 2 de futuro distante, a maioria publicada anteriormente em fanzines brasi-leiros, principalmente *Somnium* e *Megalon*. Gerson é um dos autores de participação mais ativa no fandom, sendo sua especialidade histórias alternativas.

- *Artiauri*

Caminho Coleção FC nº 181, 1997, 182 págs.

Romance de Ana Godinho.

Vale aqui observar um fato inédito na Coleção Caminho, são 3 números seguidos com obras de autores de língua portuguesa:

Nº 177 - *Mundo Fantasma* - Bráulio Tavares (segundo livro do autor

publicado na coleção, o primeiro foi *A Espinha Dorsal da Memória*, prêmio Caminho de FC)

Nº 179 - *Outras Histórias...* - Gerson-Lodi Ribeiro

Nº 181 - *Artiauri* - Ana Godinho

Vários outros autores já foram publicados por esta coleção, através da antologia luso-brasileira *O Atlântico tem Duas Margens*, entre eles Roberto Causo e Finísia Fideli.

Lançamentos de

Não-Ficção

- *The Making of Starship Troopers*

US\$ 15,00

Escrito por Paul M. Sammon, o livro traz fotos coloridas do filme, entrevista com a equipe técnica e os atores, esquemas, rascunhos e até o *storyboard* do filme. Também inclui descrições dos métodos usados para criar por computadores os incríveis *bugs*.

- *Malditos - A Vida e o Cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão*

Biografia escrita por André Barcinski e Ivan Finotti, com lançamento previsto para dia 13 de março, sexta-feira, aniversário de 62 anos do cineasta. O livro conta sobre a extrema falta de dinheiro, problemas com a censura e alcoolismo, algumas das dificuldades vividas pelo protagonista.

- *Aerportos, os Novos Prédios Mais Interessantes do Século XX*

Catálogo de exposição fotográfica homônima, que conta com texto de J. G. Ballard (autor de *Crash*), que descreve os aeroportos como subúrbios de metrópoles inexistentes e as verdadeiras cidades do século XXI.

Quadrinhos

- A Fábrica de Quadrinhos (em São Paulo) organiza palestras e *workshops* que ensinam segredos da criação de gibis. Maiores informações pelo telefone (011)62-0760.

- Depois de *Hitman*, com aventuras de um assassino de aluguel especializado em matar super-heróis, a Editora Magnum lança agora *Black Force* que traz aventuras de 2 heróis negros (independentes), Ícone e

Hardware. Eles são personagens do universo da Milestone, que desde 1993 são distribuídos nos EUA pela gigante DC Comics. R\$ 2,50.

Século XXI

- O *Jornal Verde*, publicação gratuita sem fins lucrativos, dedicada à ecologia e questões ambientais, completou 10 anos em setembro deste ano, para comemorar foi escolhido o tema Século XXI.

O tema despertou interesse e o jornal recebeu muitas matérias. Entre elas "Algumas Expectativas para o ano 2050" do Prof. Paulo Nogueira Neto da Universidade de São Paulo que foi publicada em outubro, no número 74, e trata dos recursos naturais disponíveis e alternativas para o fornecimento de energia.

Na edição de novembro, número 75, foi publicado "Contatos Extraterrestres?" de Ulisses Capozoli, que discorre sobre a famosa pergunta: "Na imensidão das galáxias seremos os únicos seres com vida, seja esta igual ou não à nossa?". Você também poderá oferecer sua visão do século XXI, que se iniciará dentro de 3 anos, já que a passagem do século se dará na noite de 31 de dezembro de 2000.

Serão considerados somente os textos de nível elevado, que deverão ser aprovados pelo Conselho de Redação. Originais datilografados em espaço duplo, sem erros de redação, máximo 30 linhas. O Jornal não assume o compromisso de publicar nem de devolver esses originais. Caixa Postal 61.021 CEP: 05071-970 São Paulo - SP.

Base Estelar Campinas

A Base Estelar Campinas é formada por um grupo de amigos que se reúnem a cerca de 3 anos, inicialmente com o objetivo de assistir filmes de Jornada nas Estrelas, conseguidas com grande dificuldade. Alguns dos assuntos abordados nos encontros são astronomia, cinema, música e outros.

Em outubro o clube realizou a sua primeira convenção que reuniu cerca de 200 trekkers, que a partir de agora farão parte de um grupo que tem por

objetivo a divulgação de FC e ciências utilizando o universo *Star Trek* como ponto de partida. O grupo também pretende lançar um fanzine e promete uma convenção de *Arquivo X* no primeiro semestre no próximo ano.

Maiores informações: Alexandre Franchini - Av. Dr. Heitor Penteado, 654 - CEP: 13075-460 - Campinas - Tel.: (019)243-9780 ou Marizilda Massucato - R. Cônego Oscar Sampaio, 193 - CEP: 13026-380 - Campinas - Tel.: (019)233-3571 [<http://www.mpc.com.br/users/b/base.campinas/>]

Perry Rhodan

A volta da série ao Brasil

Recado de Alexandre Santos, presidente do Perry Rhodan Fã Clube do Brasil (PRFCB);

"A série Perry Rhodan poderá estar retornando às bancas brasileiras, dependendo apenas de uma coisa: você.

Os fãs da série deverão escrever para César Augusto F. Maciel (R. Felipe Drummond, 91 - 401/A - Belo Horizonte-MG - CEP: 30380-310 - E-mail: cesarafm@soteris.com.br), dizendo estarem prontos para este retorno. Esta carta específica do assunto, será anexada a todas as outras e mostrada a editora interessada. Esta carta deverá conter os dados completos do leitor-fã, que se compromete a assinar a série, tão logo ela volte. Necessariamente deve afirmar que irá assinar a série.

Portanto, fã da série, o que estamos pedindo, é um compromisso sério, já que do número inicial de assinantes, depende a volta da série *Perry Rhodan* às bancas. E logo.

Escreva, participe!"

PRFCB:

Rua André Marques, 209 - 09 - Santa Maria - RS CEP: 97010-041, E-mail: ds@smnet.com.br

Tecnologia

- No encontro promovido pelo Media Lab, um dos maiores laboratórios do legendário M I T

(Massachusetts Institute of Technology), Leonard Nimoy (Spock) fez graça dizendo ser o representante de um certo VIP (Instituto de Tecnologia de Vulcano) para anunciar Nicolas Negroponte, presidente da Media Lab.

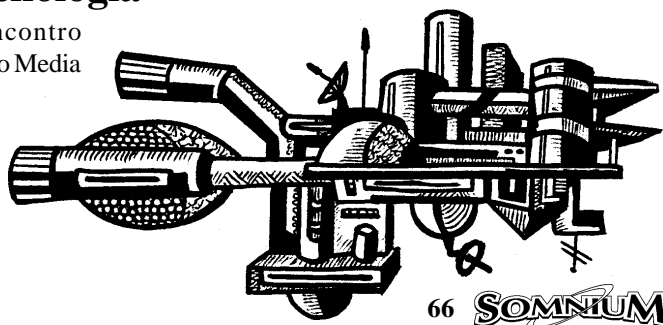
Andrew Allen, o astronauta americano, mostra como os computadores "vestíveis" podem auxiliar no treinamento e na permanência do homem no espaço. Os "wearable" computers são apenas uma das muitas inovações que estão sendo gestadas no MIT. [wearables.www.media.mit.edu/projects/wearables/]

- No seriado *Red Dwarf*, um computador chamado Holly aparece como uma cabeça falante na tela, de onde se comunica com a tripulação através da fala e de expressões faciais para ajudá-los em suas aventuras espaciais. Mais uma vez, a realidade se aproxima da ficção.

Os laboratórios de pesquisa e desenvolvimento da British Telecom (BT), trabalham com cabeças falantes há 10 anos que hoje já conseguem adotar os traços faciais e a voz de qualquer pessoa. Por meio de um teclado, o usuário registra texto que é convertido em palavras faladas pelo *software* Laureate, com diferentes sotaques possíveis.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à colaboração dos sócios Roberto Nascimento (CLFC 001), Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090) e Carlos Angelo (CLFC 232). Participe você também enviando sua colaboração.



Há pouco mais de vinte e oito anos, em 20 de julho de 1969, os seres humanos imprimiram pela primeira vez suas pegadas num planeta alienígena.

Foi uma época de sonhos: a corrida espacial estava a pleno vapor e os prognósticos mais conservadores da NASA previam as missões tripuladas a Marte e o início da colonização da própria Lua para a década de 1980.

Para bem e para mal, o ímpeto da exploração planetária perdeu boa parte do gás com o término da corrida espacial. Ainda enviamos sondas não-tripuladas para explorar outros mundos do nosso sistema solar. Contudo, os sucessivos cortes orçamentários das várias agências espaciais e o desenvolvimento das sondas robotizadas inteligentes, parecem ter colocado um ponto final naquela brevíssima fase das viagens interplanetárias tripuladas. O sonho da colonização dos outros planetas, acalentado por três ou quatro gerações de fãs de ficção científica, talvez esteja definitivamente relegado ao passado romântico, cada vez mais distante das realidades do terceiro milênio. Esperamos que esta tendência sombria se reverta nas próximas décadas, quem sabe, como resultado da aplicação de investimentos privados.

Mesmo sem mencionar o desenvolvimento tecnológico proporcionado pela resposta ao desafio de se colocar seres humanos na Lua, as missões Apollo deixaram à humanidade um legado científico valioso.

Em primeiro lugar, a selenologia transformou-se numa ciência aplicada. A análise dos dados e materiais coletados *in loco* alterou por completo os conceitos até então existentes sobre a idade, composição e origem da Lua.

Não é necessário pensar a Lua com o senso de observação de um astrônomo profissional para notar o quão peculiar é o relacionamento da Terra com o seu satélite natural. Salta aos olhos que a Lua é grande demais para a Terra. Talvez seja o único

exemplo no sistema solar ⁽¹⁾ de um satélite que possui um terço do raio e mais de um centésimo da massa do planeta orbitado. Com cerca de dois terços do diâmetro de Mercúrio, a Lua é um mundo em si, um planeta por direito próprio, a ponto de muito astrofísicos se referirem ao conjunto da Terra e seu satélite como sistema planetário Terra-Lua.

Essa desproporção relativa há séculos gera dúvidas e polêmicas quanto à origem da Lua. Há três teorias clássicas principais, cada uma delas exibindo suas virtudes e pontos fracos.

A primeira teoria clássica é a Hipótese da Captura. Em sua forma original, essa teoria afirmava que a Terra teria capturado a Lua tal como ela é hoje. Embora a captura gravitacional seja possível em tese, não se imagina que seja um fenômeno astrofísico dos mais frequentes. Um corpo com as dimensões da Lua que se aproximasse da Terra colidiria com o nosso planeta ou, o que é mais provável, receberia um impulso gravitacional capaz de alterar sua órbita, afastando-o em definitivo da vizinhança terrestre. A probabilidade de que os parâmetros orbitais da Terra e da Lua tenham se ajustado tão perfeitamente, a ponto de possibilitar a captura, é diminuta a ponto da grande maioria dos astrofísicos ter rejeitado a hipótese.

As missões Apollo ajudaram a sepultar a Hipótese da Captura. As amostras trazidas pelos astronautas confirmaram que as proporções dos isótopos de oxigênio ⁽²⁾ da Terra e da Lua são idênticas, sugerindo um parentesco próximo entre os dois

mundos. Se a Lua houvesse se formado num outro ponto qualquer do Sistema Solar, teria muito provavelmente uma proporção de oxigênio isotópico diferente da terrestre.

A segunda teoria clássica da gênese lunar é a Hipótese da Fissão. Essa teoria possui antecedentes famosos. Foi postulada por George Darwin, o segundo dos dez filhos de Charles Darwin. De acordo com essa hipótese, a Terra estaria girando extremamente rápido na época em que o seu núcleo metálico estava se solidificando. Por efeito da aceleração centrífuga, a região equatorial começou a sofrer um abaulamento, até que uma grande massa de magma se despreendeu da Terra, solidificando-se no vácuo interplanetário e se transformando na Lua. Essa concepção se ajusta perfeitamente a uma característica fundamental do nosso satélite, deduzida pelos astrônomos há mais de cem anos. Baseados nos elementos orbitais e nas dimensões da Lua, os estudiosos deduziram que ela deveria ser menos densa que a Terra. Esta densidade reduzida significa que a Lua deve possuir um núcleo metálico diminuto ou inexistente. A Hipótese da Fissão explicaria a ausência do núcleo: uma Lua oriunda de um processo de fissão planetária teria sido constituída essencialmente pelo manto rochoso da Terra (a camada existente entre a litosfera, ou crosta terrestre, e o núcleo).

Contudo, quando examinamos a Hipótese da Fissão na ponta do lápis (ou, o seu equivalente moderno — a simulação por computador) descobrimos que, para ejetar a Lua, a rotação da Terra primitiva deveria ser

tal que um dia duraria apenas 2 horas e 30 minutos! Uma velocidade incompatível com qualquer modelo de formação planetária aplicável à Terra. Em realidade, os modelos baseados em mecanismos de acreção⁽³⁾ prevêm que o nosso mundo deveria possuir um dia bem mais longo do que as 23 horas e 56 minutos vigentes...

Podemos incluir no modelo eventos plausíveis capazes de aumentar o momento angular (e, conseqüentemente, a velocidade de rotação) da Terra primitiva, como por exemplo impactos com planetesimais⁽⁴⁾ de vários quilômetros de diâmetro, mas isto não vai nos adiantar muito. Em termos estatísticos, as simulações indicaram que para cada impacto que acelerasse a rotação da Terra no sentido horário, haveria um outro impacto para acelerá-la no sentido oposto.

Além disso, mesmo que houvesse um mecanismo capaz de justificar a transferência dessa quantidade imensa de momento angular à Terra, os proponentes da Hipótese da Fissão ainda teriam que explicar o que foi feito deste excesso de momento. Porque, como a energia, o momento angular não pode ser criado, mas apenas transferido de um sistema para outro. E os nossos cálculos indicam que no presente o sistema Terra-Lua não possui o momento angular necessário para desencadear o processo de fissão planetária.

O programa Apollo forneceu um bom teste para a Hipótese da Fissão. Se a Lua se separou da maneira proposta, sua composição química deveria ser idêntica à dos materiais existentes próximos à superfície da Terra, nas regiões da litosfera e do manto rochoso.

Conforme mencionado, a Lua e a Terra possuem as mesmas proporções isotópicas de oxigênio, o que indica que os dois corpos estão relacionados de algum modo. Mas as similaridades das composições químicas das duas superfícies planetárias termina aí. A proporção entre as percentagens de óxido de magnésio e óxido de ferro

presente nas rochas lunares é superior em 10% à proporção existente no manto e na crosta terrestres. As concentrações de alumínio, cálcio, tório e elementos da família dos lantanídeos (terras-raras) na superfície lunar são cerca de 50% superiores às da litosfera terrestre. Em contrapartida, elementos voláteis como o sódio, o potássio e o bismuto estão praticamente ausentes das amostras lunares.

Corroborando o resultado da análise química das rochas trazidas para a Terra, tanto os dados coletados por uma rede de sismógrafos instalada em nosso satélite pelos astronautas quanto os estudos espectroscópicos realizados pelas missões Apollo 15 e 16, permitem afirmar que a Terra e a Lua possuem composições químicas diferentes.

A terceira teoria clássica da gênese lunar é a Hipótese do Planeta Duplo, ou Teoria da Formação Simultânea. A Terra e a Lua teriam se formado simultaneamente a partir da mesma nuvem de gás e poeira estelar. O material que compõe a Lua proviria, portanto, de um anel de gás e poeira que orbitaria a proto-Terra. À medida que o tamanho da Terra aumentava com o processo de acreção, o mesmo se dava com a proto-Lua, existente dentro do anel de poeira.

O ponto fraco da Hipótese do Planeta Duplo é a incapacidade de explicar porque a Lua possui um núcleo metálico tão diminuto quando comparado ao da Terra.

Nenhuma dessas três hipóteses — Captura, Fissão e Formação Simultânea — é capaz de responder de modo satisfatório porque a rotação da Terra é consideravelmente mais rápida do que a prevista pelos modelos simples de acreção.

Desbancadas as teorias clássicas, falemos da Hipótese do Grande Impacto, a teoria que se tornou vigente após a análise dos dados coletados ao longo do programa Apollo, e que surgiu de um consenso de selenologistas insatisfeitos com as inconsistências das três hipóteses esboçadas acima.

A nova hipótese afirma que a Lua teria sido formada em resultado do impacto de um corpo de dimensões planetárias com a proto-Terra. Por ter se revelado capaz de explicar de forma simples todas as observações que embaraçavam as teorias anteriores, a Hipótese do Grande Impacto foi aclamada de modo quase unânime pelos selenologistas reunidos numa conferência no Havá em 1984.

De acordo com a HGI, a Lua não dispõe de um núcleo metálico de níquel-ferro porque, após o impacto, o núcleo do bólido planetário foi incorporado pela Terra, ao passo que a Lua se formou a partir do material ejetado no processo, essencialmente camadas de silicatos dos mantos rochosos e das litosferas de ambos os objetos.

A diferença entre as razões [óxido de magnésio / óxido de ferro] lunar e terrestre se dá pelo fato da Lua ser constituída principalmente pela massa do planeta impactante, que continha menos óxido de ferro do que a Terra.

As proporções idênticas dos isótopos de oxigênio terrestre e lunar adviria do fato de que a Terra e o objeto impactante se terem formado na mesma região do Sistema Solar.

E por fim, a HGI passa por seu teste mais difícil, quando consegue explicar a quantidade de momento angular do sistema Terra-Lua. Com uma massa equivalente à do planeta Marte, o objeto impactante colidiu com a Terra de forma excêntrica, chocando-se com o nosso mundo num ponto afastado do seu eixo de rotação. Um impacto deste tipo seria perfeitamente capaz de acelerar a rotação da Terra até o seu valor presente.

O aspecto mais interessante da HGI é que, longe de se constituir num evento extraordinário, uma colisão deste tipo parece ter sido um evento relativamente comum na época de formação dos planetas do Sistema Solar, ou seja, um dos mecanismos-padrão do processo natural de formação planetária.

Depois do êxito em esclarecer o

processo da gênese lunar, a HGI foi empregada para explicar a composição anômala de Mercúrio e a grande inclinação do eixo de rotação de Urano. Mas isso já é papo para um outro artigo.

O fato importante a meditar é que, não fosse esse cataclismo gigantesco que atingiu o nosso planeta nos primórdios do Sistema Solar, não haveria uma Lua no céu. A Terra não giraria tão rápido e os nossos mares

e oceanos não possuiriam marés tão fortes. Como ocorre em Vênus, o dia terrestre duraria quase um ano e, com toda a probabilidade, eu não teria escrito e vocês não estariam lendo este artigo.

Notas:

(1) Com a possível exceção de Caronte, o satélite de Plutão.

(2) Os átomos dos elementos estão presentes na natureza sob a forma de isótopos distintos. Os vários isótopos de um mesmo elemento possuem todos o mesmo número de prótons, mas números de nêutrons diferentes. Existem isótopos estáveis e instáveis. Os últimos, decaem para átomos estáveis de elementos com número atômico menos elevado na tabela periódica.

(3) Processo físico-químico responsável pelo surgimento de corpos extensos a partir da aglomeração de partículas, como os grãos de poeira cósmica, em torno de um núcleo sólido pré-existente.

(4) Corpos sólidos de pequenas dimensões que se formaram quando a nebulosa proto-solar colapsou em um disco e se fragmentou.

Leitura Adicional:

- Brown, G. Malcolm: "Chemical Evidence for the Origin, Melting and

Differentiation of the Moon", in *The Origin of the Solar System*, S.F. Dermott [editor], Wiley/NATO, Inglaterra (1978).

- Harris, A.W.: "Dynamics of Planetesimal Formation and Planetary Accretion", in *The Origin of the Solar System*, S.F. Dermott [editor], Wiley/NATO, Inglaterra (1978).

- Taylor, G. Jeffrey: "The Scientific Legacy of Apollo", *Scientific American*, vol. 271, No. 1 (Julho 1994).

Compre, leia e colabore também com os demais fanzines brasileiros!

• **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror, distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço**: Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de ficção científica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto**: Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editado pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine que inspirou a criação do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil", do qual é agora órgão oficial. Muita informação, curiosidades, artigos, ilustrações. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041

• **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de Horror e FC que tem como prioridades artigos sobre cinema e contos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais importante e premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema, quadrinhos e ilustrações. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. É um importante pólo do fandom gaúcho. Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• Fábrica de Fanzines:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo, Rua Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010:

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Primeiro fanzine brasileiro especificamente voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. O mais crítico e polêmico zine de ficção científica do País. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre Perry Rhodan e Space Opera. Traz artigos sobre a série alemã de FC e sobre Star Wars, ilustrações e o prólogo de uma noveleta de FC.

O ano de 1997 foi excepcionalmente bom para a FC no Brasil, tendo em vista o péssimo desempenho dos anos anteriores.

A FC brasileira surpreendentemente se comportou muito bem, graças em parte a escritores mainstream ou juvenis que se aventuraram no gênero. Tivemos a Editora Moderna, empenhada no campo infanto-juvenil, promovendo seus autores com uma linha adulta: *O Demônio no Computador*, de Marcia Kupstas, um romance de *dark fantasy*, e a FC de pós-holocausto *A Cidade Proibida*, de Álvaro Cardoso Gomes, foram publicados pela Moderna.

Também uma *dark fantasy*, *Imperatriz no Fim do Mundo*, de Ivanir Calado, foi relançado este ano, agora pela Ediouro. A publicação original desse romance histórico com elementos de horror é de 1992. *A Fascinação*, de Tabajara Ruas, novela gótica publicada pela Record, também foi uma contribuição ao gênero do horror. Ainda nesse campo, temos de lembrar a revista *HorrorShow*, que durou quatro números editados por Cesar R. T. Silva e Marcello Simão Branco para a editora Escala. A revista publicou quatro contos nacionais em suas páginas, de autoria de Miguel Carqueija, José Carlos Neves, Henrique Flory e Carlos Orsi Martinho. Durante sua curta existência, foi uma plataforma do fandom brasileiro junto aos leitores em geral. A revista também foi o centro de um dos escândalos editoriais mais descarados de que temos notícia, com a editora demitindo os editores para relançar a mesma revista meses mais tarde, com um novo título.

A Editora Ática publicou a obra completa de Murilo Rubião, que forma com José J. Veiga o duo dos grandes autores brasileiros de realismo fantástico. E Veiga também reapareceu em 1997, com *Objetos Turbulentos*,

pela Bertrand Brasil. Finalmente, um outro autor com coletânea de contos fantásticos foi João Carlos Teixeira Gomes, com *O Telefone dos Mortos*, que apareceu pela Nova Fronteira.

Coletâneas compuseram um fenômeno interessante este ano, e devemos destacar *A Máquina de Hyerónimus*, de André Carneiro, publicado pela Editora da Universidade Federal de São Carlos, como o primeiro título de uma nova coleção, *Visões*. O livro reúne contos de FC, realismo fantástico e *mainstream*, com alguma ênfase no erotismo e na experimentação metalingüística. Carneiro também teve seu livro pioneiro *Introdução ao Estudo da "Science Fiction"*, de 1967, republicado em edição comemorativa pela Biblioteca Essencial de Ficção Científica, e seu livro de poemas, *Pássaros Florescem* (4a. Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1988), ganhou tradução para o inglês nos Estados Unidos, em tempo para o fechamento de 1997.

Um contemporâneo de Carneiro, Antonio Olinto, que escreveu FC na década de 1960, fazendo parte da Geração GRD, reaparece com um romance histórico com alguns elementos fantásticos. *Alcacer-Kibir* foi lançado pela Editora Cejup, de Belém do Pará, e trata da repercussão da derrota portuguesa nesse campo de batalha, com o fantasma de D. Sebastião perambulando pela história.

O bom desempenho numérico da FC e do fantástico brasileiro este ano se deveu em parte a autores mainstream, com altos e baixos. A novela *O Violoncelo Verde* (Rocco), da premiadíssima Denise Emmer, recebeu boas resenhas aqui e ali, mas é de fato um livro impossível de ser lido como

boa FC. Perto do fim do ano, João Ubaldo Ribeiro, autor da FCB *O Sorriso do Lagarto*, reaparece com *O Feitiço da Ilha do Pavão*, que tem utopia e viagem no tempo, num lançamento da Nova Fronteira.

Um outro fenômeno que se acentua é a exportação de FC nacional. Braulio Tavares teve sua segunda coletânea, *Mundo Fantasma*, que saiu aqui em 1996 pela Rocco, lançado em Portugal pela Caminho Editorial. A mesma casa publicou seu romance *A Máquina Voadora*, quase simultaneamente. O segundo brasileiro a ter uma coletânea publicada na prestigiosa coleção Caminho Ficção Científica foi Gerson Lodi-Ribeiro, com o livro de título engenhoso, *Outras Histórias...*, também em 1997. Lodi-Ribeiro esteve em Portugal para o lançamento e para os Segundos Encontros de Ficção Científica e Fantástico de Cascais. Roberto de Sousa Causo também anuncia ter vendido seu conto "What Immortal Hand or Eye" para a revista Tcheca *Ikarie*. A história sai no começo de 1998.

E quanto à FCB em revistas? A *Dragão Brasil*, editada por Marcelo Cassaro para a Editora Trama, continuou publicando contos nacionais, de autoria de Cassaro, J. Mauro Trevisan, Miguel Carqueija e Carlos Orsi Martinho. Infelizmente o número de trabalhos publicados caiu em relação ao ano anterior. Uma surpresa interessante foi a revista *Nossas Edições*, editada por Márcio Rangel para a sua editora Legnar, que desde o seu número 1 tem dado espaço para contos de FC e fantasia folclórica. O número 4 foi quase uma edição especial, com contos de Finisia Fideli, Roberto Schima e Roberto de Sousa Causo, entre outros. Causo também foi

publicado na revista *Magma*, do Departamento de Teoria Literária da Faculdade de Letras da USP, com um conto de fantasia contemporânea. Finalmente, a revista *Hipertexto*, também realizada pelo mesmo grupo de fãs que edita a coleção *Visões* pela Edufscar, lançou dois números em 1997.

Edgard Guimarães e Roberto de Sousa Causo lançaram em 1997 a Biblioteca Essencial de FCB, uma coleção de estudos, catálogos, e ensaios sobre ficção científica brasileira. Embora se trate de publicação amadora, a BEFCB publica livros em capa-dura com bom acabamento e bom nível intelectual. O primeiro volume foi *Ensaio*

Internacionais de Ficção Científica Brasileira e o segundo o já mencionado livro de André Carneiro. Ambos serão resenhados em 1998 pela revista acadêmica norte-americana *Science-Fiction Studies*. Outros títulos estão sendo planejados para 1998.

- A V InteriorCon, convenção de FC do Interior de São Paulo, aconteceu em Sumaré nos dias 8 e 9 de novembro de 1997, com a presença de Bruce Sterling, André Carneiro e Vagner Vargas como os convidados principais. O evento foi um sucesso, com o comparecimento de fãs de quatro estados brasileiros e muitas discussões interessantes, com painéis e palestras para todos os gostos,

muitas acontecendo em paralelo mas com público suficiente em cada uma delas. Além das palestras dadas pelos convidados, foram especialmente interessantes os painéis sobre a mulher na FC, sobre Jerônimo Monteiro (com presença de sua filha, Thereza), e o Encontro do Primeiro Fandom, que revelou vários aspectos interessantes e desconhecidos da primeira comunidade brasileira de FC, que vicejou na década de 1960.

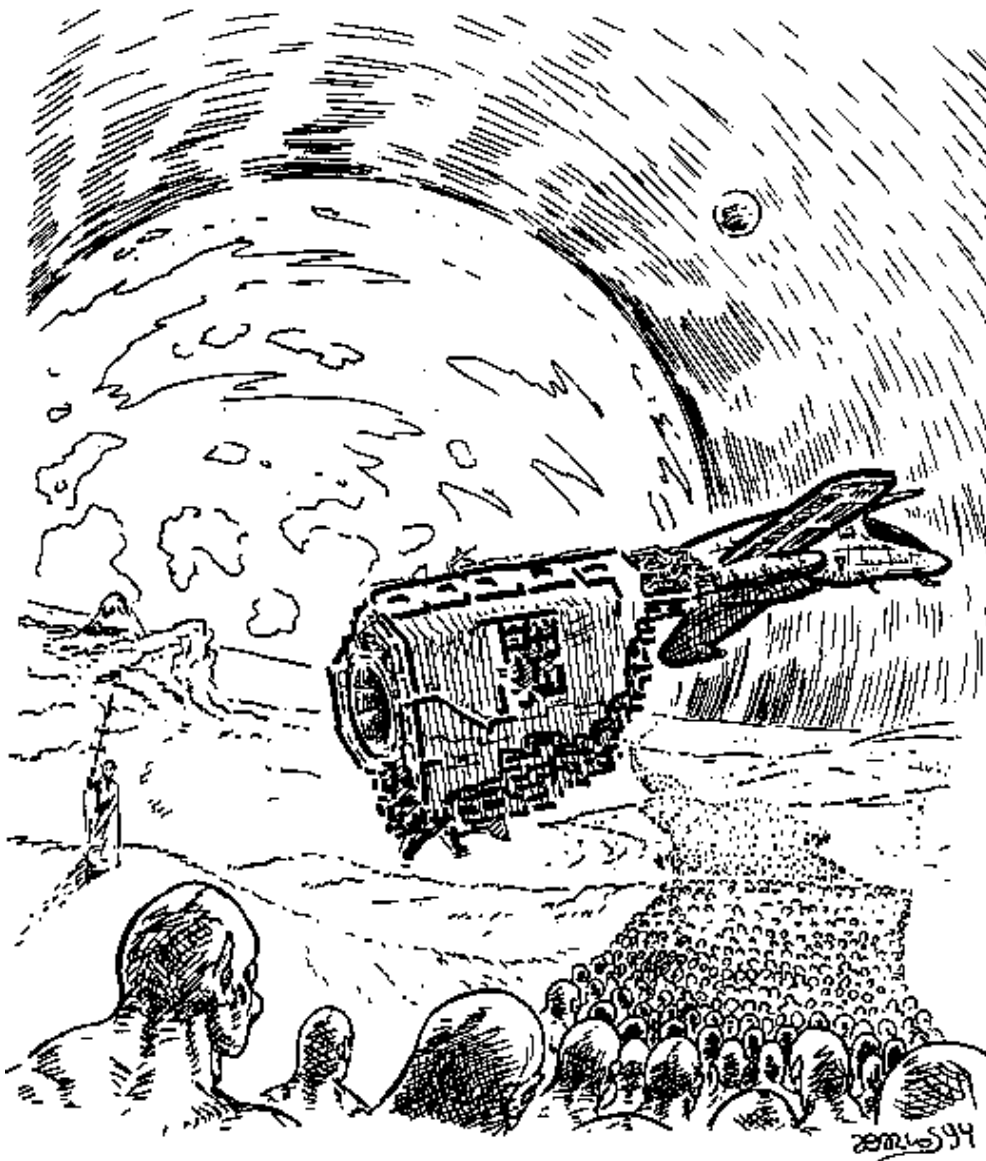
Para o ano...

- *Orion* deverá ser o título de uma mais uma revista de FC a ser lançada em 1998 pela Editora Resser, de São Paulo. O editor será Roberto de Sousa Causo, que promete publicar autores nacionais e estrangeiros.

O mesmo perfil deverá ser obedecido pela coleção *Scorpio*, também editada por Causo, agora para Lemos Editorial, de São Paulo. A coleção alternará antologias temáticas com material nacional e estrangeiro, com romances. O primeiro volume está programado para março de 1998.

- *Axxon*, a revista eletrônica do autor argentino Eduardo Carletti, que usa de pirataria para publicar grandes nomes da FC anglo-americana, foi recentemente denunciada pela Science Fiction and Fantasy Writers of America. Carletti prometeu retirar os contos pirateados que estavam circulando na Internet, e não repetir a falta.

- Um dos efeitos da visita de Sterling ao Brasil foi a formação de uma lista internacional de discussão na Internet, a Global Paraliterary Network, que objetiva debater a FC internacional. A lista será moderada a partir do Brasil e deve contar com assinantes do mundo todo.



Sterling tem 43 anos, um metro e setenta e cinco de altura e um jeito confiante. Seu rosto largo e sorridente e o fato de estar um pouco acima do peso lhe dão um jeito de garoto. O ex-hippie e atual escritor de sucesso e viajado jornalista internacional se orgulha de ser abordado nos lugares mais estranhos do mundo por pessoas que lhe pedem orientações, porque ele “sempre anda como se soubesse para onde está indo”. O jeito brincalhão e desprezioso não esconde a importância deste que é uma das mais importantes personalidades da FC e da sociedade global, defensor ferrenho da liberdade de informação e da Internet como ponta-de-lança de uma revolucionária democratização das relações humanas.

Bruce Sterling, ideólogo do *cyberpunk*, movimento que revolucionou a ficção científica a partir da década de 1980, um dos mais importantes autores de FC neste final de século XX, recém-vencedor do Prêmio Hugo, apareceu no portão de desembarque internacional do Aeroporto de Cumbica vestindo uma camiseta e jeans e de cabelos cortados. Esse último detalhe foi aliviador - as fotos da cerimônia de entrega do Hugo mostravam um sujeito cabeludo com cara de índia velha.

Ele aporta em São Paulo a meu convite para participar da V InteriorCon, convenção de FC realizada no interior do Estado, nos dias 8 e 9 de novembro de 1997. Lá estávamos Ataide Tartari, autor brasileiro de FC, e eu, esperando por ele. Passamos algum tempo no aeroporto, onde Sterling trocou dólares por reais e onde nos sentamos para conversar. Ele havia retornado há pouco da Rússia, em missão jornalística a serviço da revista *Wired* (mas também para participar de um encontro de autores russos do gênero), e partilhou conosco suas impressões negativas e lamentosas do estado atual do país - “Eles estão todos simplesmente corrompidos” - e nos revelando que o que anda fazendo sucesso pra valer na Rússia são os filmes indianos e as *novelas brasileiras*, que, por alguma razão, “calam fundo nas mulheres russas”. “E são as *mulheres russas*”, faz questão de realçar, “que estão mantendo o país em pé”.

No carro, a caminho do hotel, conversamos sobre o romance *The Difference Engine* (1990), que ele escreveu com William Gibson, outro nome obrigatório do *cyberpunk*. No meu entender, o romance, que apresenta um século XIX alternativo onde computadores movidos a vapor trouxeram um impressionante progresso tecnológico combinado à uma paisagem dickensiana, relativiza nossa percepção as vezes positivista do passado histórico apenas como o processo “que nos fez chegar até aqui” - como estágios usados de um foguete. Na visão de Sterling, não há progresso - apenas as soluções possíveis dentro de uma realidade histórica em particular. O passado então se torna um objeto mais vivo e capaz de dialogar intensamente com a realidade do nosso momento. Sterling está consciente de que o romance realiza efeito análogo ao da literatura pós-colonial, que sugere que culturas não-ocidentais podem ser vistas numa relação diferente da de inferioridade diante do mundo desenvolvido. O tempo, portanto, também não estaria submetido ao nosso ponto de vista.

Na convenção, ele deu uma palestra sobre o *cyberpunk*, respondeu perguntas e participou, de improviso, do painel “A Mulher na Ficção Científica e Fantasia”, moderado pela escritora brasileira Finisia Fideli. Outra autora, Marcia Kupstas, não pode participar e ele a substituiu com disposição. O painel foi acalorado e

Sterling adorou o calor do debate, notando mais tarde que “havia homens chorando na audiência” e que Finisia os “tinha esmagado impietosamente”. Na verdade, foi a primeira discussão pública sobre a representação da mulher na ficção científica brasileira, e isso certamente deixou muitos autores preocupados com a forma como estariam conduzindo suas próprias representações. Preocupação das mais saudáveis.

Sterling também apreciou o painel que reuniu autores brasileiros ativos na década de 1960 (incluindo Walter Martins, Nilson Martello e outros), interessando-se especialmente pela relação entre autores e fãs com a ditadura. Ficou encantado em saber da atuação guerrilheira do escritor André Carneiro - e mais ainda ao saber que Carneiro participara de experimentos com drogas psicodélicas, conduzidos pela Universidade do Arizona na década de 1970 - “*Carneiro is a heavy dude*”, disse.

Retomando a São Paulo, novamente comigo no volante, discutimos estratégias para dar maior relevo à ficção científica internacional, diante da presença esmagadora dos escritores norte-americanos e ingleses. O próprio Sterling se propõe a dedicar parte de seu tempo traduzindo contos estrangeiros, entre outras coisas. Também sugeriu a abertura de uma lista de discussão sobre o assunto na Internet (na qual já estamos trabalhando), ou até mesmo a

fundação de uma entidade internacional semelhante à World SF - fundada em 1976 e que, curiosamente, teria parcialmente se inspirado num simpósio de FC realizado no Rio de Janeiro em 1969.

Quando comentei que muitos internautas o consideravam reacionário ou conservador por causa do seu “Dead Media Project”, Sterling me entreteu durante uns dez minutos esbravejando contra todos os *motherfuckers* e *dumb bastards* que são figuras de destaque no mundo da informática e da inteligência artificial, e estariam mais interessados em se apropriar de mercados do que em permitir que a informação possa fluir livremente - “A informação quer ser livre”, é um dos principais *slogans* do *cyberpunk*.

Seu Dead Media Project é um *spin-off* das pesquisas sobre tecnologias do século XIX feitas para *The Difference Engine*. Sterling pede aos internautas que lhe enviem informações sobre mídias mortas - formas de comunicação que, por um motivo ou outro, deixaram de existir. Tentando encontrar buracos em seu projeto, perguntei-lhe se ele incluiria “mídias” usadas pelas sociedades de índios e aborígenes - coisas como sinais de fumaça e rufar de tambores. A resposta, para a minha surpresa, foi positiva. Pensei então nos comandos de batalha medievais - de registro muito raro - e eles também estão incluídos. Até a Grande Muralha da China se confirma, em sua opinião, como uma mídia, pois grande quantidade de informações era conduzida por ela, num complexo sistema baseado em flâmulas, de dia, e fogueiras acesas à noite. O DMP deve resultar em um fascinante livro de não-ficção a ser lançado em futuro próximo, já no século XXI, que promete ser “o século das mídias”.

No dia 10, em uma pizzaria em São Paulo freqüentada pelos membros do Clube de Leitores de Ficção Científica, enquanto ele autografava uma pilha de revistas de FC com trabalhos seus, perguntei-lhe como se

sentira ao receber o seu primeiro Hugo, pela noveleta “Bicycle Repairman”. O prêmio deu um fim a uma embaraçosa estatística: Sterling era o autor de ficção científica que mais perdeu Hugos - dez em doze vezes ele havia sido indicado, sem nunca levar o ambicionado troféu na forma de um foguete típico da década de 1950. Muitos o cumprimentaram, dizendo que finalmente uma injustiça de longa data havia sido reparada, mas, mesmo desta vez, seu romance *Holy Fire* também estava indicado, e não levou. “Bem, ganhar pela noveleta é melhor do que nada.”

A caminho do hotel, para a última noite dele em São Paulo, perguntei se não gostaria de fazer alguma coisa no dia seguinte, mas ele queria apenas perambular pela cidade e fazer compra para a esposa e as duas filhas. Por algum motivo ele pensou que eu pretendia protegê-lo das ameaças criminosas da metrópole paulistana, e descarregou sobre mim sua experiência com a segurança do hotel moscovita em que ficou hospedado - um grupo de pára-quedistas de elite vestindo trajes camuflados e portando armas automáticas. Ou o hilariante episódio em que um grupo de escritores japoneses o levou até um bar *underground* de propriedade de um ator mafioso japonês todo tatuado, que, quando Sterling pediu uísque *on the rocks*, picou o gelo ali mesmo, atingindo repetidamente uma pedra do tamanho de uma cabeça humana com um furador-de-gelo, a menos de um palmo do rosto aturdido do escritor americano. Por fim arrematou: “Sou um *cyberpunk*, sou perigoso.”

Na verdade, a auto-ironia é parte fundamental de sua personalidade, mas também a afirmação de sua capacidade de sobreviver em um mundo globalizado e em rápida transformação, o que resume a atitude *cyberpunk*.

Mas qual é o sentido do *cyberpunk*, afinal?

Primeiro, o reconhecimento de que a tecnologia não é privilégio de uma

elite de engenheiros ou acadêmicos, que cada vez mais ela se torna de uso cotidiano, sendo objeto de transformações não-planejadas e incontroláveis, realizadas pelo homem comum ou marginal. Segundo, que o ambiente tecnológico cada vez mais se afirma como um novo meio-ambiente sócio-cultural, que também promete transformar o ser humano. Por fim, o *cyberpunk* é um reflexo da própria internacionalização de valores e economias. Do mesmo modo que a Internet como mídia rompe fronteiras, a literatura *cyberpunk* tem como norma o trânsito internacional das ações.

Agora estamos novamente a caminho de Cumbica, para a cansativa viagem de volta à Austin, Texas.

Sterling se incomoda com o fato de que de lhe perguntarem, a cada aparição pública, se o *cyberpunk* morreu. No seu modo de ver, enquanto ele e seus companheiros de movimento - incluindo William Gibson, Rudy Rucker, John Shirley, e Pat Cadigan - estiverem escrevendo, o *cyberpunk* estará vivo e contribuindo para o gênero. Acha estranho pensarem que o gênero está morto, quando pelo menos ele e Gibson têm toda a atenção que poderiam receber, são celebridades internacionais muito além do alcance às vezes limitado da audiência de FC, e que ele próprio construiu uma imensa casa em Austin, custando “uma soma *absurda* de dinheiro” ganho com edições internacionais de seus livros, que, empilhadas, se erguem a nove pés de altura, ou dois metros e meio.

— E você está morto - brinquei.

— Eu e meus companheiros estamos mortos.

Ele então me contou anedotas sobre os outros *cyberpunks*, todas, infelizmente, impublicáveis.

— Que autores surgirão como de interesse no futuro? — eu perguntei.

Sterling não poupa elogios a Neil Stephenson e a Greg Egan, este último um australiano. O inglês Jeff Noon

também deve ser observado, mas Sterling acha que ele está se desgastando pela sanha de fazer dinheiro rápido com seus romances.

— E quanto à próxima grande tendência na ficção científica?

— Não sei, mas suspeito que não virá dos americanos. Nesta altura já estamos com os pés enfiados em uma banheira de cimento.

Pergunto então qual seria a melhor estratégia para dar mais poder para a ficção científica internacional, considerando que a FC anglo-americana age quase que como um bloqueador, tamanha a sua difusão. Sterling concorda e compara a FC anglo-americana com a Força Aérea Americana - “tentar conquistar a FC americana seria o mesmo que tentar conquistar a USAF. “ Melhor seria tentar conquistar a Rússia - o que as novelas brasileiras já estão fazendo. O que ele sugere é que as FCs periféricas se comuniquem entre si, ao invés de cada uma tentar, sozinha, derrubar o “império americano do entretenimento”. Pergunto se a literatura pós-colonial, também conhecida como *world literature* seria uma boa estratégia.

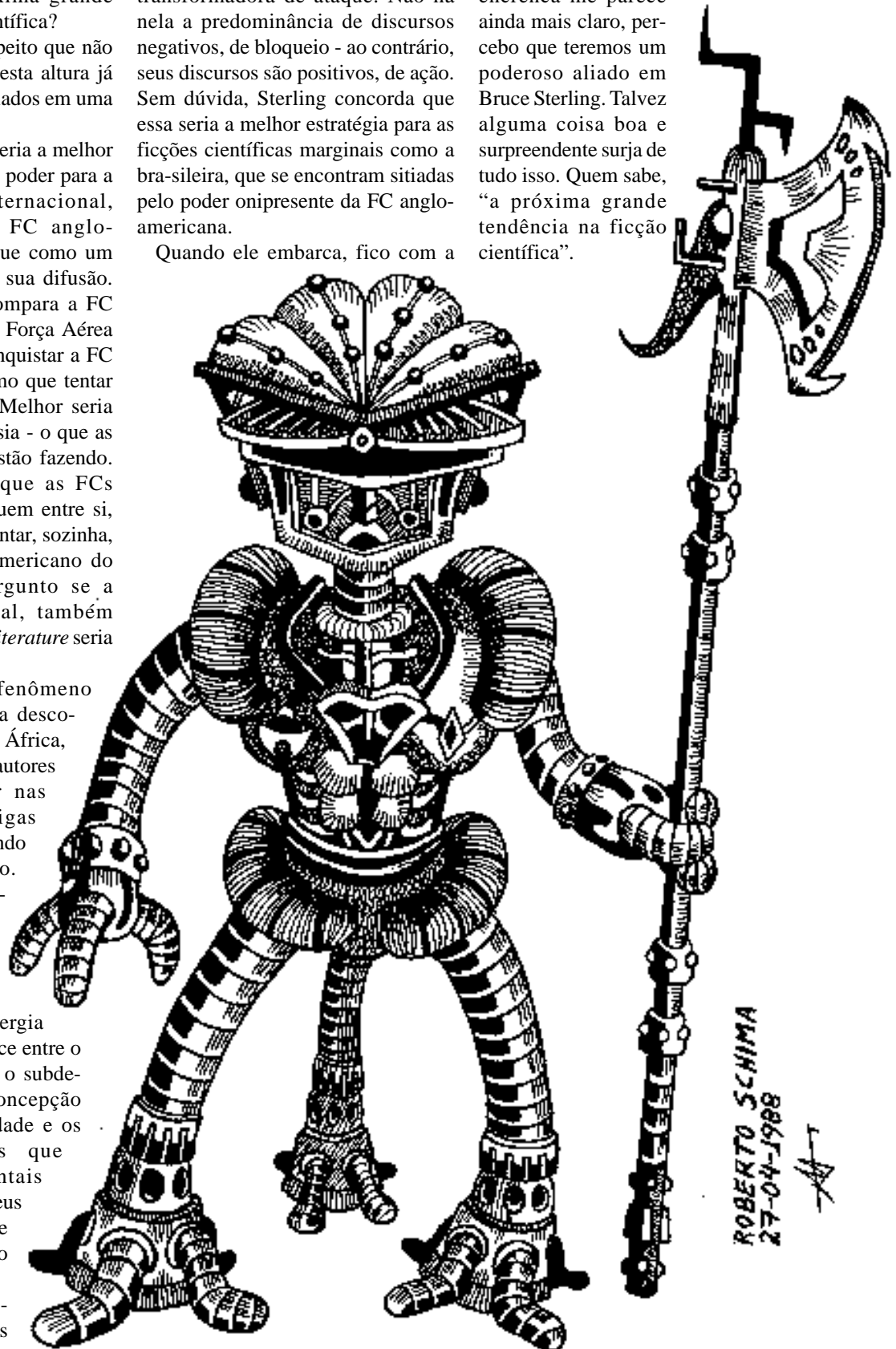
Trata-se de um fenômeno literário surgido com a descolonização de países da África, Ásia e do Caribe, cujos autores passaram a escrever nas línguas de suas antigas metrópoles, conquistando amplo reconhecimento. São nomes como Salman Rushdie, Kazuo Ishiguro e outros autores de impacto inquestionável. Autores que escrevem com uma energia nova, surgida da interface entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido, entre a concepção ocidental da modernidade e os processos dolorosos que culturas não-ocidentais sofrem para encontrar seus próprios caminhos de integração no mundo globalizado.

A literatura pós-colonial busca múltiplas

audiências e múltiplos discursos. Ela não adota postura defensiva de proteção a culturas ameaçadas, mas leva essas culturas adiante como arma transformadora de ataque. Não há nela a predominância de discursos negativos, de bloqueio - ao contrário, seus discursos são positivos, de ação. Sem dúvida, Sterling concorda que essa seria a melhor estratégia para as ficções científicas marginais como a brasileira, que se encontram sitiadas pelo poder onipresente da FC anglo-americana.

Quando ele embarca, fico com a

sentimento de a FC brasileira tem muito ainda que caminhar nesse processo de descolonização cultural, mas agora, quando o tamanho da encrenca me parece ainda mais claro, percebo que teremos um poderoso aliado em Bruce Sterling. Talvez alguma coisa boa e surpreendente surja de tudo isso. Quem sabe, “a próxima grande tendência na ficção científica”.



Nova: Uma história de polêmicas e realizações

por Marcello Simão Branco

A existência de prêmios na ficção científica brasileira está estreitamente ligada ao idealismo de uns poucos fãs. Um prêmio se justifica a partir do instante em que há uma comunidade de fãs e escritores produzindo o gênero em suas diversas formas, seja em publicações, histórias, artes e eventos. No Brasil o padrão é este só que nunca houve um consenso entre os fãs mais influentes da necessidade de uma premiação para as atividades do gênero.

Não incluindo o concurso de contos 'Fausto Cunha', do Clube de Ficção Científica Antares (CFCA)¹, o primeiro prêmio real do fandom é o mais tradicional e ainda o mais representativo. Criado por Roberto de Sousa Causo em 1987 através do seu fanzine *Anuário Brasileiro de Ficção Científica*, o prêmio Nova reflete bem as controvérsias que se tem do assunto. Transformou-se várias vezes, sempre se adaptando às características da produção do gênero no ambiente fã e profissional. Este caráter mutável é elogiável, mas também reflete, em uma certa medida uma falta de identidade, não tanto do prêmio, mas da própria ficção científica brasileira em reconhecer a si mesma.

Passou por fases em que premiava apenas a produção dos fãs, depois abrindo para as categorias "profissionais" (por vezes nomeada de "geral") em que se reconhecia a produção no mercado propriamente dito. Se entre os fãs, sua ressonância foi difusa e polêmica, no ambiente comercial ela teve repercussão quase nula, desprezada pelo *mainstream*, pelo mercado editorial e até pela mídia.

Outra tentativa exemplar da falta de critérios advindos da falta de identidade do fandom, é a alternância entre escolhas colegiadas e populares.

Desde 1992 chegou-se ao meio termo, com os fãs votando nos três melhores num "primeiro turno" e um grupo de jurados escolhendo o vencedor final. Apesar da aparência mais equilibrada, respondendo à críticas de "falta de representatividade" (na escolha colegiada) e "vulgarização e conservadorismo" (na escolha popular), o prêmio não conseguiu resolver nenhum dos dois problemas apontados.

Isso porque um terceiro fator se acrescentou: o fandom literário original se dispersou, deixou de participar com o mesmo interesse, e o voto passou a ser dado por fãs mais jovens e descompromissados com a literatura, muito mais ligados à ficção científica cinematográfica e televisiva.

Uma outra linha de críticos apontou que o prêmio não se justificava porque o gênero não era suficientemente desenvolvido para merecer um prêmio. Ele viria como consequência do gênero e não como seu fomentador. Esta idéia de estímulo à produção, registro e reconhecimento adaptado à realidade do gênero tem em Causo seu grande incentivador.

Embora esta linha de atuação tenha méritos reconhecidos se olharmos os premiados em retrospecto, ela por ora sucumbe à falta de interesse generalizado em torno do Nova. Tanto que seus organizadores² (Cesar R.T. Silva e Marcello Simão Branco, que levavam adiante o Nova sob o selo da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica - SBAF), realizaram uma reforma radical diminuindo de 13 para quatro categorias concorrentes e misturando, de forma inédita, a produção dos fãs e a comercial em uma só categoria para cada aspecto da produção.

Um problema adicional e fundamental que o Nova enfrenta atu-

almente é o esvaziamento de sua tradição literária. Apesar de existirem cerca de doze fanzines em que o principal assunto ainda é relativo à literatura, somaram-se outros fanzines e publicações semi-profissionais em que o destaque é dado à séries de cinema e TV. Com o desinteresse dos fãs literários em votar, vários fãs de cinema e TV passaram a ficar credenciados a participar. Esta mudança veio em decorrência da SBAF, uma associação informal de fãs que embora oriundos da literatura procuraram fãs de outras procedências para levar adiante seus projetos por causa do arrefecimento dos fãs literários. Chegaram até a ampliar os gêneros, acrescentando trabalhos de fantasia e horror como concorrentes, mudando até seu nome, passando de "Prêmio Nova de Ficção Científica", para "Prêmio Nova de Arte Fantástica". O mérito de acréscimo da fantasia e do horror é importante, pois as linhas entre os gêneros são tênues e secundárias (embora ainda existam), ainda mais em um fandom tão disperso e ao mesmo tempo, segmentado.

Tapirài, o contraponto

Se o prêmio Nova é o de maior visibilidade e amplitude, o prêmio Tapirài³ (1992-94), foi uma tentativa de valorizar a produção fã em um momento em que o Nova era mais valorizado nas categorias profissionais, depois da efervescência criada em torno da publicação da *Isaac Asimov Magazine* (1990-92). Criado por Marcello Simão Branco nas páginas do seu fanzine *Megalon*, tinha algumas características inovadoras, como a de premiar um editor fã por seu trabalho e não o fanzine, como é tradição na maior

parte dos prêmios. Teve uma expressão eleitoral e prestigiosa reduzida, em que pese ter sido apontado como um contraponto interessante aos resultados pulverizados e conservadores do fã-médio que votava no Nova. O Tapirài recuperou em certa medida o voto dos fãs que liam e escreviam ficção científica. Pois eles estavam reunidos em sua maioria no *Megalon*. Tanto que comparando os resultados de um prêmio e outro, notava-se claramente que o Nova era dado pelo fã-multimídia e o Tapirài pelo fã-leitor.

Desgastado com críticas dos setores conservadores do fandom⁴, com a vinculação excessiva do prêmio à figura do seu criador — “o prêmio do Marcello” —, e também com a tímida receptividade dos premiados, Branco cancelou o prêmio. A repercussão foi pequena. Apenas alguns críticos defenderam a importância do Tapirài nas páginas do *Megalon* ou em encontros de fãs. Esta batalha os vetustos “cardeais” do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) tinham vencido.

Estes críticos foram os mesmos que não viam importância no Movimento Antropofágico da FCB — defendendo uma FC mais “universal”⁵ ao invés da busca por uma FC com tradições próprias ao Brasil. São eles também que a uma certa altura passaram a não reconhecer o mérito dos fãs em dar prêmio a quem quer que seja. Diziam que somente intelectuais e professores universitários poderiam fazê-lo. Mesmo que não tivessem conhecimento de ficção científica. A isso argumentavam que não importava o sujeito não conhecer FC, mas sim reconhecer um trabalho de mérito literário independentemente do gênero a ele associado.

Ninguém melhor do que aqueles que lêem sobre determinado assunto para falar por ele com conhecimento de causa. Ainda mais de uma literatura tão particular — com tradições, histórias e convenções próprias — como a ficção científica. De qualquer forma a crítica em si pode ter tido algum efeito no esvaziamento

do interesse de vários leitores de ficção científica, especialmente depois do fim do Tapirài, vindo neste suposto insucesso a reafirmação de seus argumentos.

Talvez o Nova e a idéia de um prêmio para a ficção científica brasileira tenha tido um caminho tão controverso por causa do caráter não oficial do Nova. Isso porque ele nunca foi ligado ao projeto de um clube em particular, mas sim à iniciativa individual de fãs que por mais influentes, não representam o centro dominante das atividades do gênero. Nos dias atuais isso não é mais relevante, mas enquanto o CLFC era importante fez diferença. A principal associação da FCB careceu de um prêmio para dar mais uniformidade e importância ao seu projeto de divulgar e desenvolver a FC no Brasil — note bem no e não do Brasil. Mesmo o Movimento Antropofágico sofreu suas maiores resistências nos setores centrais do CLFC, nos anos em que ele era importante para o fandom (refiro-me aos anos de 1987 a 1991). Esta falta de compromisso com uma fc com raízes brasileiras foi uma marca de uma entidade que não tem Brasil nem no nome, e nunca se desvinculou de ser um clube de enciclopédicos e colecionadores e não de escritores e fãs militantes.

Acredito que os problemas que os prêmios brasileiros enfrentam não são exclusivos de nosso fandom. Não refletem apenas as controvérsias e transformações que nossa comunidade tem atravessado, apesar das especificidades aludidas do caso brasileiro. Estou envolvido na organização destes prêmios há uns seis ou sete anos e creio que eles são viáveis e defensáveis. Problemas de votação em bloco, falta de conhecimento do eleitor, desinteresse, sujeito que vence pela popularidade, premiação de trabalhos mais tradicionais não ocorrem só no Brasil. Estes problemas são inerentes a qualquer prêmio que existe por aí no cenário internacional. Sem sair do ambiente da ficção científica é só olhar para o fandom americano — o

maior e mais poderoso do mundo — que estes problemas se repetem, só que em escalas astronômicas no número de seus eleitores e em seu alcance comercial. Dito de outro modo, os caras são conservadores também, mas a quantidade é enorme e assim até injustiças são minimizadas. Isso sem contar que os prêmios são estimulados por uma verdadeira indústria editorial, que usa os Hugos, Nebulas, Locus, Philip K. Dicks e outros como meios de propaganda e venda dos livros de seus escritores contratados. Outro fator adicional de sustentação dos prêmios é que eles existem em grande quantidade e para vários segmentos. Assim é possível prêmios populares (Hugo), prêmios daqueles que escrevem (Nebula), lêem (Locus), até os dados por acadêmicos em universidades (John Campbell Memorial). E ninguém por lá, diz que tal prêmio é desnecessário e presta um desserviço. Cada um à sua maneira ajuda a legitimar e corrigir as deficiências do outro.

A esta altura quando o Nova completa dez anos, é ridículo querer discutir se ele deveria ou não existir. Ele é hoje uma instituição da ficção científica brasileira. Deixou de ser o projeto idealista de uns tantos fãs, apesar deles continuarem a se importar e manter o prêmio mais do que o desejo e interesse do fandom em si. Um dado adicional do Nova (e posso generalizar) é o caráter de auto-estima que ele confere. De uma comunidade reconhecer e premiar os seus melhores, de conferir uma aura àquilo de que gostam. O prêmio está aí e em uma década tem uma história da ficção científica brasileira para contar. Com todas as suas idiosincrasias é um retrato exemplar das fases e percalços que o gênero tem passado nesta sua Segunda Geração. É resultado do sonho de uns poucos idealistas que continuam levando sua história adiante.

Continuo acreditando que o Nova foi (e é) um benefício para o desenvolvimento — senão do gênero como um todo — ao menos para as

tradições e identidades da comunidade de fãs. O Nova foi um catalisador de produções do gênero. Os fanzines melhoraram muito seu conteúdo e visual estimulados pelo prêmio — o Megalon é o exemplo mais evidente, tendo vencido o Nova em sete oportunidades — e alguns até surgiram com o desejo de levar o troféu para casa. Também nos contos e ilustrações houve uma melhora substancial nos trabalhos premiados. De contos ingênuos, curtos e tematicamente tradicionais, passamos gradativamente a trabalhos levemente

experimentais, maiores, mais bem estruturados e com uma ênfase à realidade social do Brasil. Tanto estimulou e revelou que a maior parte de seus vencedores — mesmo os dos primeiros anos — já publicaram trabalhos profissionais, alguns até livros próprios, alguns incluindo até os contos vencedores do Nova. A queda da produção comercial e a melhora substancial da produção fã levou os organizadores atuais a equipararem igualmente as categorias.

O prêmio Nova deve continuar. Pela

sua própria tradição continuará mutável, registrando a produção do gênero e suas características. O fandom é pequeno, mas está se segmentando com o surgimento de novos grupos — *Perry Rhodan*, *Star Wars* — ou o crescimento de outros, como os *trekkers*. É legítimo que cada um deles tenham seus meios de reconhecimento próprio. E é legítimo que o Nova (ou qualquer outro prêmio que venha a existir no futuro) continue premiando e registrando a história da produção brasileira de ficção científica.

Atenção para as seguintes notas:

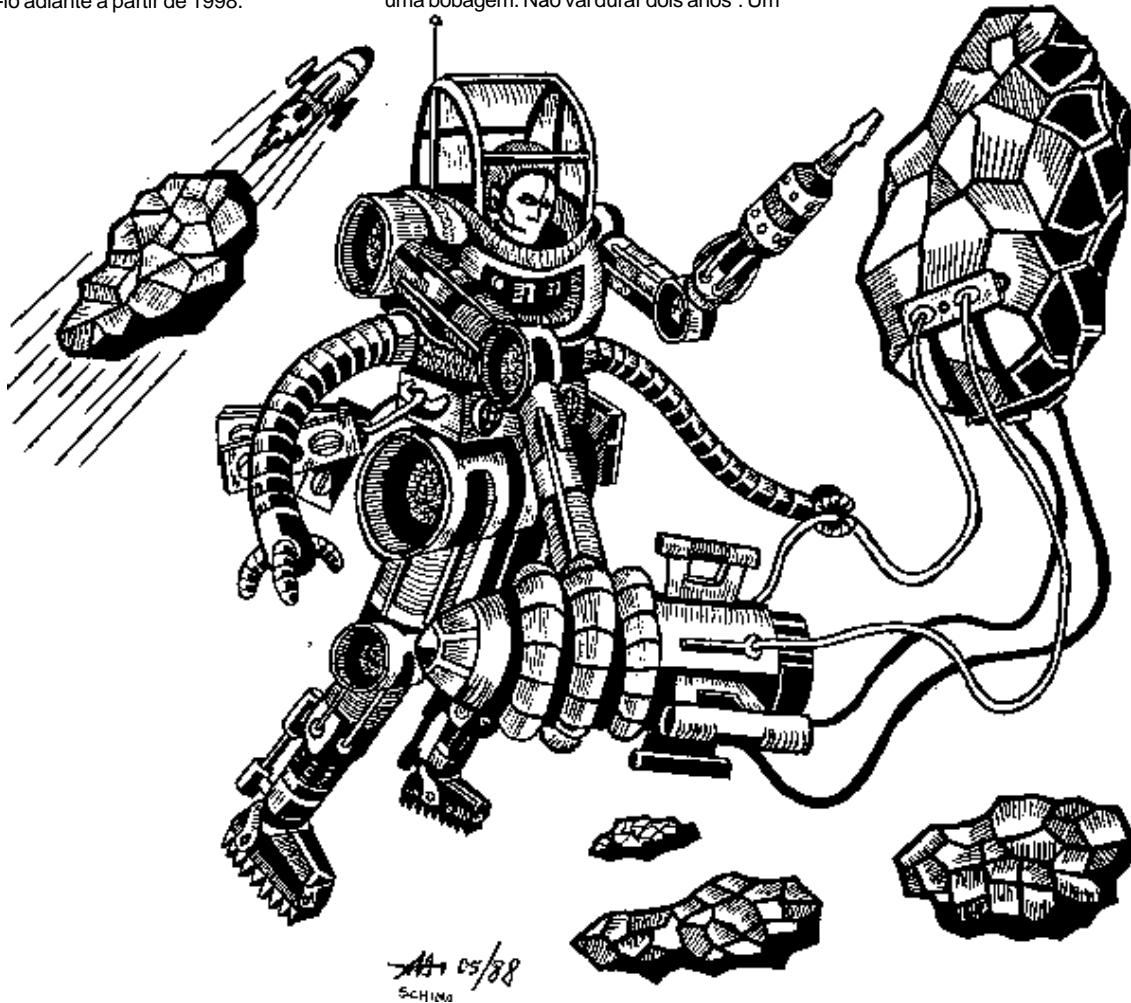
- 1 - Existiu na primeira metade dos anos 1980, numa homenagem ao escritor e crítico Fausto Cunha, e pelo seu próprio perfil de concurso, foi de reduzida expressão no fandom como um todo (também devido ao seu caráter regional — gaúcho — e a critérios de premiação até hoje pouco claros).
- 2 - Eles deixaram a organização do prêmio em 1997, devolvendo-o ao seu criador Roberto de Sousa Causo, que passa à levá-lo adiante a partir de 1998.

3 - O nome Tapirai é como os índios tupiguaranis chamavam a Via Láctea em sua língua. Uma tradução literal seria "caminho das antas". Branco nspirou-se claramente no Movimento Antropofágico para justificar um nome aparentemente estranho aos padrões da ficção científica.

4 - No dia que apresentou o prêmio oficialmente ao fandom em uma reunião do CLFC, Branco ouviu a seguinte observação do presidente do CLFC da época: "Isso é uma bobagem. Não vai durar dois anos". Um

comentário vindo do presidente de uma entidade que, antes de mais nada, deveria zelar pelo crescimento da ficção científica brasileira...

5 - Embora nunca tenham se preocupado em fundamentar o que seria isso, dando a entender sem o menor constrangimento de apenas levar adiante a tradição americana da FC e reconhecer no centro cultural dominante seu caráter "universal".



Estamos no fim de mais um ano e o Somnium lembra também neste retorno, a mais importante data cristã: o Natal. Dora Incontri é uma antiga fã de Star Trek, educadora renomada e jornalista, que estréia em nossas páginas mostrando que os ideais de Cristo transcendem o plano de nosso ínfimo planeta, e que Seus princípios podem aparecer da maneira mais inesperada possível.

Já fazia tantos anos que eu estava em meu posto, que praticamente já assimilara os costumes locais. Fizera amigos, aprendera a ganhar dinheiro — principal atividade do planeta — e me locomovia com facilidade no meio social, sem que ninguém me adjetivasse de *estranha*. Para levar ao extremo minha experiência num corpo feminino (que escolhera por causa de suas mais amplas potencialidades psíquicas), adotara uma menina, como filha legítima. Interessavam-me os chamados *instintos maternos*. Annie tinha cinco anos. Era um belo exemplar do que a espécie humana tem de melhor: as crianças. Muito inteligente, afetiva e sensível. Tudo aquilo de que eu estava precisando para recompor minha energia mental algo perturbada desde a ruptura da comunicação.

Há precisamente dois Natais que eu perdera contato com Relt-Deets. Nenhuma mensagem de lá para cá. Nem o mais leve pensamento. Temia que isso pudesse estar relacionado com um agravamento da situação da Terra. Mas sentia que neste Natal, alguma coisa tinha de acontecer. Não era possível que ninguém tentasse se aproximar de mim, pelo menos para me tranqüilizar. Dividida entre essa perspectiva e os arranjos para a ceia de Natal, meu pensamento oscilava entre Relt e a Terra. Olhei a árvore enfeitada na sala de visitas e imaginei o sorriso de Annie, recebendo o meu presente.

Analisei: já incorporara vários arquétipos terrenos, sobretudo os relacionados ao Natal. Fixei na memória minha preparação nas vizinhanças da atmosfera terrestre, antes de aportar em São Paulo, ponto exato da minha residência planetária, na personalidade de Cybelle. Meus instrutores fizeram com que eu me embrenhasse na selva das correntes mentais que embrulham esse mundinho perdido no confim da galáxia. Em questão de dias, apanhei tempestades vermelho-escuras, com figuras bizarras, uniformizadas, no meio de veículos gigantescos, que disparavam fogo. Sufoquei entre ondas de perfume enjoativo, com camas e rendinhas de mau gosto, com mulheres e homens rolando no espaço, enovelados como caracóis. Vi imagens de estátuas coloridas, de velas e gestos rituais desbotados pelo tempo. Monstros e deuses, asas e chifres, fadas e duendes, me espreitavam e no lugar dos olhos havia furos escuros.

A região de tempo mais delicada era a do Natal. Claro, havia alguns perus assados, uma certa ressaca pesava em minha sensibilidade olfativa. Era um recanto de excessos, mas ainda muito ligado à mente infantil da Terra. Por isso havia árvores bonitas, anjinhos graciosos, animais inocentes, uma mãe com um filho, um velhote simpático, de barba branca e outros detalhes agradáveis.

Espantei-me, sem dúvida, quando vi o Irmão Terreno no meio de tantas figuras. Ele que nos visitava em Relt e combinava com meus instrutores várias missões de socorro ao planeta que dirigia. Naturalmente, nessas imagens atmosféricas, não apareceria tão belo, como o conhecíamos em Relt. Não se poderia mesmo esperar que os humanos chegassem a projetá-lo com realismo. De qualquer modo, achei que era um sinal positivo a presença dele em algum lugar. Explicaram-me depois, que Natal é justamente o dia em que se comemora o seu nascimento na Terra.

A noite se aproximava, enchendo de brilho os olhinhos de Annie. Estava mais alvoroçada que eu. Já me alvejara com todas as combinações possíveis de perguntas, sobre o presente, sobre a ceia, sobre o Natal... Era o primeiro que passávamos juntas. Eu estava na cozinha, terminando a maionese, quando ela surgiu na porta:

— Cy, papai Noel veio de terno e gravata! Ele está aí na sala e quer falar com você!

Fiquei um momento parada, sem entrar em sintonia com as palavras de Annie. Mas ela me puxou pela mão e eu fui até a sala. De fato, havia um homem velho, de cabelos e barbas brancas, sentado no sofá. Muito bem vestido num terno azul, com colete e todos os outros apetrechos. Annie tinha razão. Parecia um papai Noel engravatado. Ele sorriu adoravelmente ante meu olhar esquadrinhador:

— Foi o corpo que eu consegui arranjar mais facilmente. Por essa época, há milhares desses modelos, vagando no espaço. Você sabe disso, Sam-Tsi!

Estremeci ao ouvir o meu nome, que nenhuma pessoa na Terra conhecia. Sentei-me, com as pernas vacilantes. Annie se aninhou no meu colo, contagiada pela minha insegurança. Seria mesmo quem eu estava esperando? E se fosse um ser mistificador, que se materializaram para me enganar?

O velhote respondeu em voz alta:

— Sam-tsi! Desconfiada como uma terrena. Ponha a mão no meu peito!

Estendi a mão num gesto tradicional de Relt, quando queremos nos unir na mesma emanção de sentimento.

Imediatamente, reví meu lar, vi-me inundada pela vibração de Relt. Reconheci Suah-Elsch! Mas ali não havia como transpormos os corpos da Terra, para nos enlaçarmos como em casa. Tivemos de recorrer a um longo abraço à moda terrena. Espontaneamente — sem pedir nenhuma explicação — Annie também o abraçou.

— Por quê?! — perguntei por fim.

— Você estava certa. As condições estão piorando. Quando olhamos a Terra de Relt-Deets, vemos apenas uma camada espessa e escura. Antes, você se lembra, eram manchas descontínuas. Agora, é algo por inteiro. Não há brechas de entrada. No Natal, você sabe, há alguns pensamentos fraternos, algumas preces, desejos esparsos de paz... Foi numa dessas aberturas que eu passei.

— Concordo que a comunicação se torna quase impossível nessas circunstâncias, mas sempre se pode vir pessoalmente. É claro, com esforço e sacrifício, — disse eu e reclamei mentalmente pelos dois anos de abandono. Depois perceberia que essa era uma queixa injusta.

Mas naquele momento, Suah-Elsch apenas sorriu compreensivo:

— Por isto, estou aqui!

De repente, levei a mão à cabeça. Ocorrera-me que em poucos minutos, meus amigos da Terra começariam a chegar para a ceia. Suah-Elsch falou:

— Não se aflija! Eles são especiais...

De fato, se eu os escolhera como amigos, eram especiais. Mas, de qualquer forma, terráqueos. A campanha tocou, exatamente nessa altura. Era Bruna, atrás de seus olhos verdes e contemplativos, de mãos dadas com Murilo e seu vago sorriso. Murilo fora o único humano por quem eu sentira a tentação de um envolvimento mais profundo. Mas me detive a tempo. Ainda era na época das comunicações com Relt-Deets. Eles me avisaram que ele tinha um compromisso com Bruna e a minha tarefa seria prejudicada se me ligasse a quem quer que fosse.

Logo em seguida, entraram Gustavo e sua esposa japonesa, Kimiko. Os dois filhotes, gracinhas semi-orientais, passaram correndo entre nossas pernas e se uniram a Annie, pulando de contentamento.

Depois, veio Cláudio, meu amigo cantor e negro, de uma sensibilidade estelar. E, por último, recebi Jeanny, atrasada como sempre, em sua alegria contagiante. A humana mais fora dos padrões humanos que conheci.

Sua-Elsch se refugiara na cozinha. E quando todos já estavam acomodados, atacando os canapés que eu pusera em cima da mesa, ele apareceu na sala, em camisa e colete. Antes que eu pudesse vasculhar na memória algum nome e ensaiar uma apresentação, aconteceu o que eu não esperava. Ele disse mansamente:

— Schói mib red benli!

Era a saudação reltiana. Jeanny avançou, com seu sorriso de criança:

— Sua-Elsch! Você aqui!

Desdobrou-se a cena de reconhecimento. Bruna, Murilo, Kimiko e Cláudio tocaram espontânea e sucessivamente o peito de Sua-Elsch. Em menos de um minuto, descobri que todos so meus amigos eram de Relt-Deets!

A partir daí, a conversa se desenrolou sem palavras, enquanto as crianças brincavam alheias, ao pé da árvore de Natal.

Vimos o Irmão da Terra, que conhecemos por Ie-Shui, em conferência com os instrutores de Relt. Uma imensa assembléia em nosso planeta, com representantes de Taus, Irigo, Hassin e Menpu. Ie-Shui exalava beleza e melancolia. Discutiu-se a situação da Terra; estratégias de auxílio foram propostas. À certa altura, Ie-Shui explicou que, naquele momento, na Terra, era Natal. Pediu com suavidade a operação Smen. Fez-se silêncio. E nós, em meu apartamento em São Paulo, também nos colocamos em posição mental. Começou a irradiação Relt-Deets-Terra, para diluir as emanções sombrias dos incautos terráqueos. Vimos um raio condensado de luz azul e farpas douradas derramando-se, infiltrando-se entre as nuvens densas da Terra. Terminamos a tentativa, encerrando nosso contato com Relt.

Voltei ao que me cercava e lembrei-me das crianças. Elas continuavam brincando e Suah-Elsch me falou:

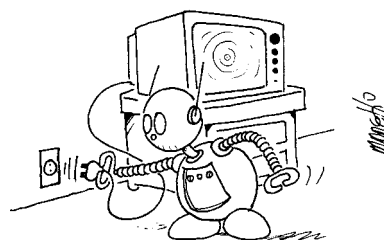
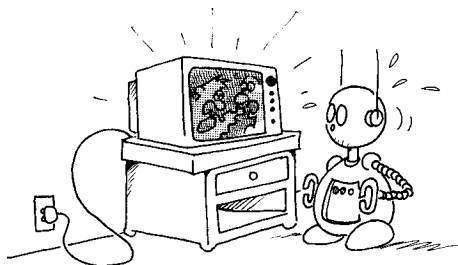
— Elas são mesmo da Terra, mas vão colaborar conosco!

Chamei Annie. Vieram os três.

— Annie, preciso lhe contar uma coisa...

— Não precisa, Sam-Tsi! Eu já sei. Você é minha mãe de outro planeta!

Fiquei boquiaberta. Mas entendi que a missão de socorro havia efetivamente se iniciado.



Um pouco do que rola na Internet

por Dario Alberto de Andrade Filho

O Listserver do CLFC é um forum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, financiado pelo CLFC, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Polêmico e informativo, já se tornou para o fã brasileiro e mesmo português, que estão na Internet, praticamente indispensável. Para assiná-lo basta mandar uma mensagem vazia para ficcao@dks.com.br com a palavra subscribe como tópico. Para você que ainda não se conectou a rede, estaremos publicando, em cada edição do Somnium, trechos selecionados dos debates, como os exibidos a seguir, realizados através de mensagens postadas nos meses de outubro e novembro de 1997.

Notas de auxílio à leitura:

A variação de tipologia entre normal e itálico, determina que o interlocutor mudou. Alguns dels, entretanto, nao puderam ser identificados.

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens foram mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma).

As mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, mas sem alterar o seu conteúdo.

Subject: Alta(?) Literatura x FC

(...) que é o que acontece na maioria dos movimentos artísticos – seja em literatura, pintura, etc. Mas quando chega a vez da fc, essa regra é misteriosamente abandonada. Cito como exemplo um estudo que o Muniz Sodré escreveu lá pelos idos de 70, chamado *A Ficção do Tempo*, publicado pela Vozes e mencionado pelo Bráulio Tavares na bibliografia de *O Que é Ficção Científica*. Mas o livro do Sodré, em que pese se tratar de um dos mais conceituados teóricos da comunicação de massa no Brasil e não sei que mais, é uma decepção. Tendencioso, mal-informado, cheio de erros inclusive fatuais (...). E autocontraditório. Ele diz que o que diferencia a ficção científica da alta literatura (os termos são dele) é que a ficção científica não inova na forma, não faz experiências com a linguagem, que seria uma característica definidora da alta literatura (afirmação discutível, levando em conta autores como Graham Greene, p. ex., mas deixemos estar). Aí, quando chega o movimento new wave, que como todo mundo sabe foi marcado pela experimentação literária radical, o autor *continua* insistindo que fc é indústria cultural e não literatura. Como ele escapa dessa contradição? Simples: diz que o movimento new wave não passa de um *pastiche*, uma imitação industrial da alta literatura. Foi nesse ponto que eu joguei o livro de lado, ler até o fim estava além das minhas forças.

Lúcio Manfredi

Subject: caboclos querendo ser ingleses

E ainda tem gente que acha que são os professores universitários que deveriam dizer aos fãs o que é bom ou ruim em matéria de FC/F. (...)

Causo

Tem gente, quem, cara-pálida? ;-)

Gerson

Eu me referia aos acadêmicos e jornalistas culturais, e não os citados — embora eles também busquem essa voz autoritativa.

(...) o fato é que eles transmitem uma impressão de autoridade sobre o assunto literatura, e outros setores acabam se reportando a eles. São caboclos querendo ser ingleses. Essa questão da autoridade é de fato perigosa, sobretudo para as pessoas que preferem que outros digam para elas o que é bom ou ruim ao invés de julgar por si próprias (...)

O próprio fato deles pretenderem assumir uma postura de autoridade já as desqualifica per si para tecerem juízo crítico em relação aos trabalhos do gênero. A suspeita de que eles pretendem manipular a vontade e os gostos do fandom sempre lhes pairará sobre a cabeça.

Pra você e para mim, talvez não para a maioria — que se quedou muda, quando, por exemplo, André Carneiro disse abertamente que os fãs brasileiros não tem cabeça para entender a sua obra, ou que os seus talentos de crítico estão tão acima da produção nacional que pedir para que ele criticasse os seus colegas seria o mesmo que pedir a um mecânico de F-1 que preparasse o motor de um fusca para um racha de fim de semana.

Olhe em torno e me diga que massa de leitores é essa, e em que instâncias o fandom decide a qualidade. Será que há tanta circulação de opiniões críticas nos fanzines e reuniões — eu pessoalmente vejo uma apatia e falta de opiniões próprias de entristecer.

A grande questão é: quem canoniza? Quem determina o que tem valor e o que não tem? São organismos extra-fandom, como a academia e o jornalismo cultural — que, repito, não estão olhando para a FCB. Você diz que o que

lhe importa é a opinião dos seus pares, mas quantos não voluntariam suas opiniões? Mesmo aqui, há um beco sem saída.

Quem canoniza? Ninguém precisa canonizar ou ser canonizado. Cada leitor inteligente e consciente só precisa decidir se aquilo que leu é bom ou ruim, se é significativo ou medíocre, se lhe disse algo ou não, se foi divertido, intenso, ou simplesmente palatável, ou nem isto...

O problema é que muitas pessoas não têm opinião própria e precisam que outros lhes digam o que é bom ou ruim... A academia que se dane. Precisamos é de leitores! Não sei quanto aos outros autores nacionais... já conversei sobre o assunto com o Fábio Fernandes e ele me disse que o seu sonho é ser um grande escritor de literatura ponto. Por mim, pretendo me tornar apenas um bom AUTOR DE FC & HA. Não pretendo seduzir o mainstream ou conquistar os críticos do jornalismo cultural que, raras exceções, sequer lêem e entendem o que criticam. Pretendo sim, estimular o público consumidor potencial de FC&F, que, imagino, não deve ser tão pequeno assim, a se tornarem consumidores reais.

(...) anedota verídica: quando a editora da Fundação Peirópolis disse que pretendia publicar **A Descronização de Sam Magruder**, ela foi aconselhada por seus colegas a não investir em FC. Portanto, reconhecer as entidades que canonizam e ganhar controle ou poder de interferência sobre elas significa também afetar o mercado. Aconteceu nos States, em medida relativa.

Subject: querelas lusitanas

Prezados sócios do CLFC e simpatizantes:

deparamo-nos neste fim de semana com o que pode se tornar o princípio de mais um bate-boca para animar o nosso fandom. E, mais divertido ainda, desta vez o quebra-pau nos chega até aqui de lá do outro lado do Atlântico: uma discussão originalmente do fandom português de FC&F irradiada diretamente para cá graças às maravilhas tecnológicas da Internet (o que seria da fofoca sem ela neste final de milênio, não é mesmo?)

P.S. - Todos os membros mais antigos do fandom brasileiro sabem tão bem quanto eu o quão debilitantes essas querelas costumam ser para a comunidade como um todo. Quantos membros valiosos (não citarei nomes, vocês se lembram deles) não perdemos por nossas explosões de egos? Depois do leite derramado, de que importa afinal quem estava certo ou errado, não é?

Gerson Lodi-Ribeiro

Subject: Presidente Negro

...gostaria de discutir com os demais membros desta list a questão racial na FC. Ateh onde personagens negros são discriminados ou realmente importantes nas histórias de FC (ateh hoje só li aquelas duas noveletas de Mike Resnick, Kirinyaga e Bwana, na IAM) e como o negro é tratado pelos autores brasileiros em suas obras (desde que Lobato escreveu O Presidente Negro). Também gostaria

de saber se há algum outro autor negro na FCB além de Julio Emilio Braz (que ainda não fez nada explorando a questão) e quais autores estrangeiros são negros. Cesar.

*Curiosamente, os tupinipunks como você costumam usar muitos personagens negros — vide o inspetor de **Silicone XXI**, mas um outro personagem negro em **Santa Clara Poltergeist**, e o seu (também não esquecer da mulata). Roberto de Sousa Causo*

Subject: Heinlein

Como todos nós sabemos, a partir dos STARSHIP TROOPERS (Soldado no Espaço) a desgraça foi completa... Depois de afirmar a pés juntos que o cidadão só tem direito de voto em democracia quando cumpriu o serviço militar e degolou com as próprias mãos um piolho extra-terrestre, Heinlein tornou-se no autor de cabeceira (assim dizem as más línguas e eu até acredito nelas) do próprio Charles Manson. A verdade é que o assassino da Sharon Tate, chegou mesmo a afirmar a quem o quis ouvir, que fundamentara toda a sua religião no grokar do órfão marciano. Seja esta lenda verdadeira ou falsa, a fama já ninguém lhe tira... Vá-se lá saber as alterações neurológicas que o ESTRANHO EM TERRA ESTRANHA provocou naquela alma sensível e em tantas outras, que o foram lendo ao longo de todos estes anos... Barreiros

*Caro colega Barreiros, como diz um amigo meu muito do vernáculo, eu “disconcordo” da sua avaliação sobre o Heinlein, acho que ela foi um pouco severa. Faz algum tempo que eu venho prometendo pro Angelo um artigo sobre isso (“Um dia, Angelo. Um dia...”), mas o fato é que não me parece que o Heinlein possa ser rotulado pura e simplesmente de fascista. É claro que a obra dele tem esse aspecto, sim, **Starship Troopers** é provavelmente o livro mais reacionário que a FC já produziu. Mas, se olharmos a obra do Heinlein numa perspectiva diacrônica (ops!), veremos que essa tendência está em permanente conflito com outra que vai exatamente em sentido contrário - e da qual um dos marcos é bem **Um Estranho Numa Terra Estranha**: um Heinlein onde o darwinismo social e a glorificação do militarismo passam para um segundo plano bem apagado e ganha espaço a idealização de comunidades familiares, tipo clãs, que ele mesmo classifica de “comunistas” - com uma ironia que acaba se voltando contra ele próprio.(....) Lúcio.*

Subject: Re: Midia sensacionalista e a FC

(...) eu me pergunto: seria a Frota Estelar a verdade do Brasil em termos de FC?

Em termos de mídia, para o bem e para o mal, Star Trek esta' anos-luz a frente dos outros grupos de FC no Brasil. Exemplos: a) na Tv, quando aparecem fas, so' aparecem fas de ST. b) na TV aberta so' ha' Jornada e Arquivo X. c) livros publicados de Fc: praticamente so' os de Jornada e Arquivo X. d) nas raras revistas que falam algo de Fc, boa parte do espaco e' dedicado a Star Trek...

Conseguem, sim. Mas, a que preço? Bancando os idiotas uniformizados? Indo para programas medíocres (ou outros nem tanto) e sendo ridicularizados? Publicando livros que se venderão sozinhos pelo título na lombada independente da qualidade, ao invés de tentar elevar o nível de apreciação do público leitor?

Para mim, os líderes dessa Frota venderam a alma ao diabo? E o pior é que nem foi por muito dinheiro não :-)

Venderam-se por uma piscadela de olho da mídia...

Mas, o que estávamos discutindo é se Star Trek é ou não FC.

Olha, tirando a série clássica, eu espero sinceramente que não. Para o bem da FCB...

Gerson.

Subject: Star Trek X Babylon 5

Sou Fabio Milan, 26 (...). Venho aqui declarar minha apreciação irrestrita em relação ao seriado BABYLON 5 (...), considero B5 superior, mesmo em relação a Star Trek. E digo porque: (...)

Em ST a sociedade é perfeita, não existe corrupção, pobreza, miséria, classes; ninguém fala palavras ou tem comportamentos indignos. Coisa diferente ocorre em B5, onde existe corrupção no governo, existe pobreza e miséria na sociedade humana, as pessoas se drogam e muitas vezes são imorais. (...) Já em B5, a humanidade possui todos os defeitos e limitações atuais, mais uma inferioridade em termos tecnológicos perante todas as outras grandes raças, até mesmo perante os decadentes Ceintauri. (...)

O terceiro aspecto que, em minha opinião, torna B5 mais interessante que ST é que, no primeiro, a organização que a humanidade encabeça, a Earth Alliance, não é a mais avançada em termos tecnológicos, ao contrário, é a mais atrasada. Se mantém precariamente no cenário galáctico, tendo que pedir licença e desculpas a todas as outras grandes nações do espaço, muito mais antigas e desenvolvidas que a humanidade (...)

Subject: Asimov nos 80

Consideremos os seguintes pressupostos que levaram Asimov aos píncaros da fama: Estilo? Nunca ninguém disse que o bom do doutor era um mestre na arte da escrita. E realmente não o era, mas daí a ser chamado de pesado e monocórdico é um exagero, quanto aos romances dos anos 80 se levamos em conta o material limitado que ele tinha em mãos (como você mesmo falou, as séries já estavam fechadas) ele conseguiu no mínimo escrever romances agradáveis que se não tinham a mesma vitalidade dos antigos não conseguiu ferir sua reputação de escritor como aconteceu com Clarke (quem não concordar por favor leiam “O fantasma das grandes banquetas” de Clarke) forçação de barra mesmo foi tentar prolongar a série Fundação mas ninguém e \$\$\$perfeito\$\$\$

Ramon Bacelar.

Subject: Manifesto II-A Missão

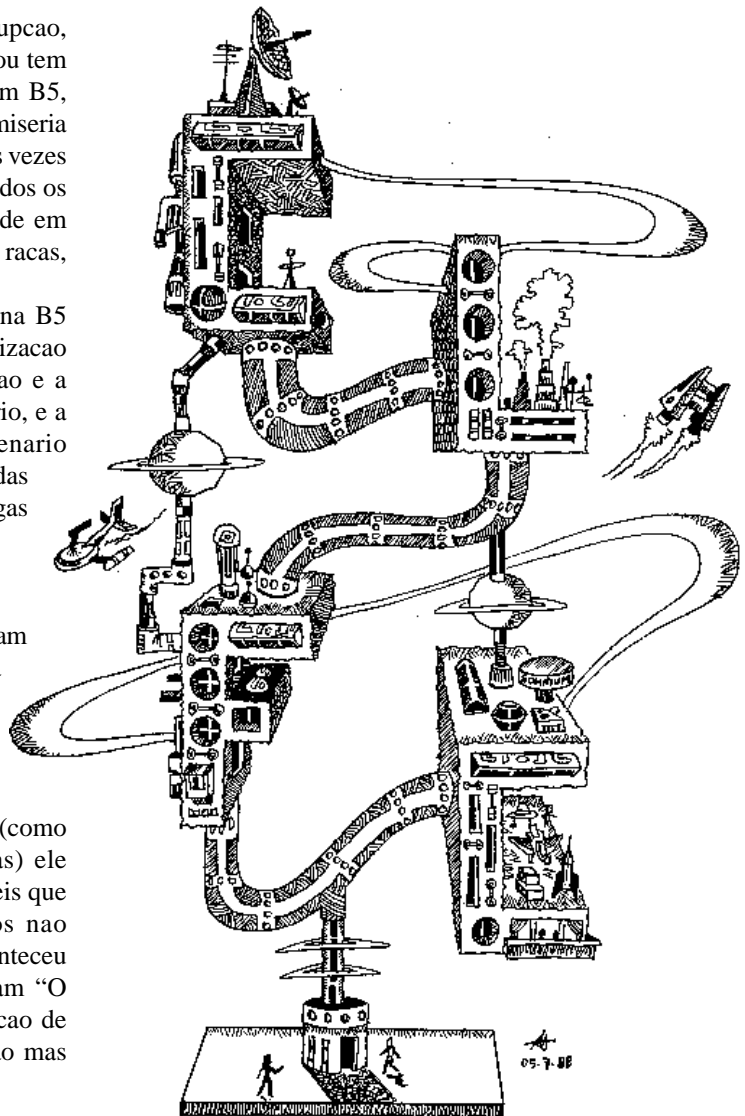
Ser leitor de ficção científica em Portugal é aceitar com passividade as más traduções, as publicações ocasionais, as encadernações baratas, as capas de mau gosto, as obras datadas e quase esquecidas, a ignorância dos editores relativamente ao que de moderno se está a fazer lá fora, a condição de isolamento, as livrarias que se recusam a ter o material, e o franzir desdenhoso do intelectual de café quando nos descobre a praticar o pecado da leitura por prazer.

Alguém poderia me dizer como é ser um leitor de Ficção Científica no Brasil?

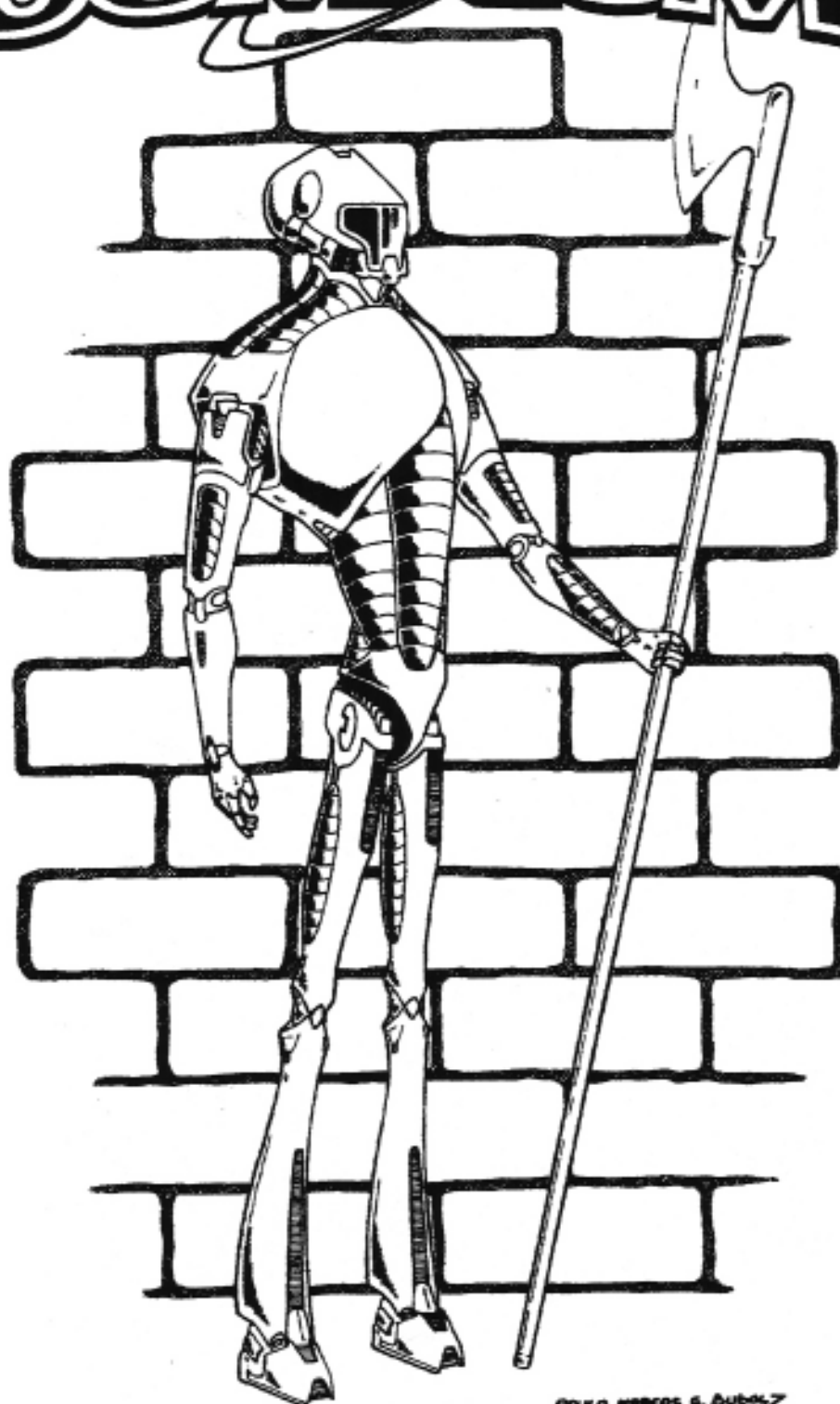
Barreiros.

Aqui não temos más traduções, capas ruins, encadernações baratas, editores preconceituosos, e muito menos LIVROS DE FICÇÃO CIENTÍFICA.

Ramon Bacelar.



SOMNIUM



PAULO MARCOS G. DUBOZ



C.L.F.C.

CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês,
das 15 as 18 horas, na Rua José Paulino nº 7 (próximo ao Metrô Luz)

Correspondência:

Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

E Mail: clfc@dks.com.br